

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Ciências Químicas, Farmacêutica e de Alimentos (CCQFA)
Curso de Licenciatura em Química



Trabalho de Conclusão de Curso

**A Avaliação no Ensino Politécnico: Percepções de professores
e estudantes de duas escolas públicas de Pelotas**

Noemi de Vasconcellos Peres



Pelotas, 2015

Noemi de Vasconcellos Peres

A Avaliação no Ensino Politécnico: Percepções de professores
e estudantes de duas escolas públicas de Pelotas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Ciências Químicas,
Farmacêuticas e de Alimentos da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em Química.

Orientador: Fábio André Sangiogo

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P434a Peres, Noemi de Vasconcellos

A avaliação no ensino politécnico : percepções de professores e estudantes de duas escolas públicas de pelotas / Noemi de Vasconcellos Peres ; Fábio André Sangiogo, orientador. — Pelotas, 2015.

71 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) — Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Avaliação. 2. Ensino politécnico. 3. Educação básica. 4. Aprendizagem. I. Sangiogo, Fábio André, orient. II. Título.

CDD : 544

Elaborada por Gabriela Machado Lopes CRB: 10/1842

Noemi de Vasconcellos Peres

A Avaliação No Ensino Politécnico

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Química, Centro de Ciências Químicas e Farmacêuticas e de Alimentos, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 02 de Dezembro de 2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio André Sangiogo (Orientador)
Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Luiz Fernando Minello
Doutor em Neurobiologia pela Universidade de Leon, Espanha (ULE) Beca Mutis (AECI).

Prof. Aurélia Valesca Azevedo
Graduada em Química Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas e Professora da escola pública Estadual de Pelotas.

Resumo

PERES, Noemi de Vasconcellos. **A Avaliação no Ensino Politécnico: Percepções de professores e estudantes de duas escolas públicas de Pelotas.** 2015. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química). Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

No ano de 2011, visando melhorar o índice de reprovação e abandono escolar o governo estadual reestruturou o ensino médio e uma das modificações mais marcantes foi a avaliação na proposta denominada de Ensino Médio Politécnico. Notícias na mídia repostaram que depois da reestruturação os índices de aprovação aumentaram, no entanto em algumas escolas, pode-se ouvir que professores estavam descontentes com o ensino politécnico e o seu modo de avaliação, o que motivou o desenvolvimento deste trabalho. Como instrumentos de pesquisa, realizaram-se, no contexto de duas escola estaduais da cidade de Pelotas, entrevistas semiestruturadas com professores e supervisores e a aplicação de questionários para alunos que estavam vivenciando o ensino médio politécnico analisados pela metodologia descritiva e interpretativa. Como resultado, observou-se descontentamento dos professores, alunos e supervisores da escola não é em relação à proposta, mas ao modo de avaliação oriunda do ensino politécnico, pois a grande maioria dos alunos preferem ser avaliados por notas e os professores relatam que avaliação é feita de forma que não estimula o aluno a obter qualidade no aprendizado.

Palavras chave: Avaliação, ensino politécnico, educação básica, aprendizagem.

Abstract

PERES, Noemi de Vasconcellos. **The evaluation at the Polytechnic School at Federal University of Pelotas:** a place for bibliographic memory. 2015. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso.

Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

In 2011, to improve the failure rate and dropout state government restructured high school and one of the most striking changes was to evaluate the proposal called Polytechnic High School. News in repostaram media that after the restructuring the approval ratings increased, however in some schools, one can hear that teachers were unhappy with the polytechnics and their way of evaluation, which motivated the development of this work. As research tools, were held in the context of two state school in the city of Pelotas, semi-structured interviews with teachers and supervisors and questionnaires for students who were experiencing the average polytechnics analyzed using descriptive and interpretative methodology. As a result, there was discontent among teachers, students and school supervisors is not in the proposal, but the evaluation mode coming from the polytechnics, as the vast majority of students prefer to be evaluated by grades and teachers report that assessment is done in a way that does not encourage students to get quality in learning.

Key words: Evaluation, polytechnic education , basic education, learning.

“Às vezes, nos meus silêncios em que aparentemente me perco, desligado, flutuando quase, penso na importância singular que vem sendo para as mulheres e homens de sermos ou nos tornamos, como contata François Jacob, “seres programados, mas, para aprender”.” (FREIRE, 2002)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Alguns Elementos Do Ensino Médio Politécnico	14
2.1 A Avaliação E A Perspectiva Do Ensino Médio Politécnico.....	16
3. Percurso Metodológico	21
3.1 A Proposta Do Politécnico E A Avaliação Realizada Nas Escolas	26
3.1.1 Escola A	27
3.1.2 Escola B	32
4. Resultados Sobre As Respostas Dos Professores E Dos Estudantes	39
4.1 Escola A.....	39
4.2 Escola B.....	51
5. Considerações Finais.....	59
6. Referências Bibliográficas.....	61
7. Bibliografia.....	64
8. Anexos	66
Anexo A: Documento Da Escola A, Conceito Geral Para Provas.....	67
Anexo B: Documento Da Escola A, Conceito Geral De Todas As Provas E Trabalhos	68
Anexo C: Documento Da Escola A, Dentro Do Saber Fazer	69
Anexo D: Documento Da Escola A, Conceito Geral Da Área Saber Fazer.	70
Anexo E: Documento Da Escola A, Conceito Geral Para Seminário Integrado.	71
Apêndices.....	72
Apêndice A: Termo De Consentimento Para Os Alunos.....	73
Apêndice B: Termo De Consentimento Para Os Professores E Supervisores	74

Lista de Figuras

Figura 1: Caracterização Do Ensino Médio Na Legislação Nacional	14
Figura 2: Questões Norteadoras Realizadas Com Os Professores	22
Figura 3: Questionário Aplicado Aos Alunos	22
Figura 4: Questões Norteadoras Realizadas Com As Supervisoras	23
Figura 5: Esquema Pessoal De Controle Do Professor	30
Figura 6: Esquema Pessoal De Controle Do Professor	30
Figura 7: Você Gosta Do Modo Em Que É Avaliado Na Disciplina De SI?	42
Figura 8. Como Você É Avaliado No Seminário Integrado?	43
Figura 9. Você Concorda Com O Modo Em Que É Avaliado?	44
Figura 10. Pontos Positivos Da Avaliação Do Ensino Médio Politécnico	46
Figura 11. Quais Os Pontos Negativos Da Avaliação Do Ensino Médio Politécnico?	47
Figura 12. Como Você Gostaria De Ser Avaliado?	49
Figura 13: Você Gosta De Seminário Integrado?	53
Figura 14: Você Concorda Com O Modo Em Que Você É Avaliado?	54
Figura 15: Como Você Gostaria De Ser Avaliado?	55
Figura 16: Sua Escola Participou Da Manifestação Que Houve Em 2013? Foram Ouvidos?	56

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2011 o estado do Rio Grande do Sul passou por uma reestruturação do currículo e dos projetos pedagógicos, onde não apenas se modificava a estrutura curricular das escolas, mas, por exemplo, o instrumentos de avaliação utilizados até então. Esse novo ensino médio (SEDUC/RS, 2012), denominado neste trabalho de ensino médio politécnico, chegou modificando a organização atual da escola e trazendo certa inquietação aos professores e alunos das escolas públicas. Nesse sentido, Porciúncula (2013, p. 31) destaca a percepção sobre o ensino médio.

Com o término deste ano letivo [2012] considero que foi um grande desafio ter desenvolvido o Ensino médio Politécnico em nossa escola, pois movimentou, “desacomodou” o grupo de professores, no qual me insiro, trazendo uma alternativa de se elaborar um trabalho voltado aos interesses dos alunos e, quem sabe, proporciona um novo estímulo para o “fazer” do professor.

O ensino médio Politécnico trouxe novos desafios e um novo olhar para o ensino médio, uma proposta que gerou desconforto, porém mudanças à atuação docente.

Para Menegolla (2002, p. 39), para muitos, o professor “é um profeta; para outros, um ser mitológico que vive lá, junto aos serafins e querubins”, afinal, o professor é um ser que se desdobra, que ensina, um mestre, um orientador. Nesta pesquisa, entende-se que a atividade do ser professor vai muito além de ministrar apenas uma aula, o professor analisa fatos, interage com a turma e observa a sociedade que a escola e seus alunos estão inseridos, tenta entender seus alunos, que vêm de realidades distintas e tenta fazer a diferença em seu espaço. Essas são atividades necessárias e desafiantes, importantes de fazerem parte do estudo e compreensão do ser professor. Para Santos e Mortimer (1999) é inquestionável a necessidade e a importância da análise do contexto escolar, da sociedade, onde não há um evento isolado, mas sim um contexto escolar envolvido com um todo, como o caso do ensino médio politécnico.

No ano de 2011 o estado do Rio Grande do Sul vivia um momento em que havia uma constante luta contra o abandono e a reprovação de alunos no ensino médio. Conforme Nascimento (2013) e Azevedo e Reis (2013), em 2011, cerca de 11,4% dos alunos matriculados abandonaram a escola e 22,3% reprovaram no

primeiro ano do ensino médio. Segundo os autores, estes dados alarmantes motivaram a necessidade de uma reestruturação curricular do ensino médio. A reestruturação prevê analisar a sociedade escolar como um todo, percebendo onde cada aluno irá desenvolver seu campo de conhecimento e assim fornecer para ele suplementos suficientes para que tenha um bom rendimento escolar.

Segundo SEDUC/RS (2011), embora o ensino médio politécnico não profissionalize, ele deve estar interligado com o mundo do trabalho e com as relações sociais, outro ponto da reestruturação é a mudança de currículo do ensino médio, que ainda segundo SEDUC/RS (2011).

Do ponto de vista da organização curricular, a politecnicidade supõe novas formas de seleção e organização dos conteúdos a partir da prática social, contemplando o diálogo entre as áreas de conhecimento; supõe a primazia da qualidade da relação com o conhecimento pelo protagonismo do aluno sobre a quantidade de conteúdos apropriados de forma mecânica. (SEDUC, 2011, p.14)

Nesta reestruturação, além de contemplar os pressupostos de ensino interdisciplinar, contextualizado, sustentada em valores e formação ética, uma das mudanças mais significativas foi a forma de avaliar os estudantes, ao ter como pressuposto a necessidade de avaliar os mesmos por conceitos, pensando no desenvolvimento autônomo de tal forma que a competição não seja estimulada e contemple o desenvolvimento de um parecer sobre cada estudante, com base nos objetivos que foram atingidos.

Segundo Lima (2013, p. 213).

Romper com expedientes classificatórios, seletivos e excludentes torna-se não só necessário, mas urgente. Nesse sentido, retomamos nosso argumento inicial de superação da reprovação com práticas comprometidas com a aprendizagem dos estudantes, com perspectivas emancipatórias que visam contribuir na efetiva construção do conhecimento.

Além dos pressupostos teóricos contemplados no ensino médio politécnico, a pesquisa também é vista como uma mudança principal, onde o aluno deve buscar o conhecimento e desenvolve-lo, indo além de conceitos desenvolvidos pelo professor.

Jélvez (2013, p. 129) assinala aspectos importantes sobre a pesquisa e o modo como esses aspectos interferem na forma de entender o espaço da escola, da atuação docente e da relação estabelecida com os estudantes:

Uma constatação relevante para atribuir a importância da pesquisa como princípio pedagógico diz respeito “ao aumento exponencial da geração de conhecimentos” e, como consequência, a escola deixa de ser o único centro de geração de informações. O conceito secular da escola e do professor como únicas fontes do conhecimento e como únicos portadores dos saberes está superada. É muito provável que reportagens, pesquisas científicas, ilustrações e investigações nas áreas de conhecimento ofereçam informações mais precisas, atraentes e atualizadas. [...] De acordo com o Parecer as exigências contemporâneas requerem um novo comportamento dos professores, que devem deixar de ser “transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos, devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo”. Em termos ilustrativos, diríamos que o professor tem de descer do auditório e passar para o laboratório. Um laboratório no qual os estudantes passam a ser protagonistas do processo de construção da aprendizagem, e o professor resgata seu papel insubstituível de mediador, de orientador e monitor na formação do espírito científico do educando.

A reestruturação do ensino médio politécnico também apresenta pressupostos novos para a organização curricular da escola, a exemplo do componente curricular de Seminário Integrado, em que a pesquisa realizada pelos estudantes e orientada por professores da escola pode permitir abordagens de pesquisa e práticas interdisciplinares.

Enfim, um dos resultados iniciais apontados pela SEDUC/RS refere-se a aprovação dos alunos que aumentou após a implementação do ensino médio politécnico:

Os resultados de 2012, primeiro ano da reestruturação, mostram diminuição significativa nos índices de reprovação. No primeiro ano, no qual foi implantada a reforma em 2012, a aprovação passou de 54,2% para 60,4%, e a reprovação, de 31,1% para 23,7%. No conjunto do Ensino Médio a aprovação passou de 66,3% para 70,4%, e a reprovação, de 22,3% para 17,9% (SEDUC/RS, 2011).

De acordo com os dados, os índices de aprovação e de abandono escolar melhorou bastante, porém conforme percepções que se teve nas duas escolas acompanhadas durante a atuação como estagiária e bolsista do PIBID, pareceu haver resistências à proposta da SEDUC/RS, bem como relatos que indicavam que ela não agradava a todos professores e estudantes, embora os resultados apresentados pela SEDUC apontem resultados positivos.

Com objetivo de melhor entender o contexto de reestruturação do ensino médio, nesta pesquisa, busca-se analisar percepções de professores e de estudantes sobre a avaliação no âmbito de duas escolas públicas (Escola A e B) da cidade de Pelotas que vivenciaram a implementação do ensino médio politécnico no ano de 2011.

2. ALGUNS ELEMENTOS DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

No documento da SEDUC/RS, a reestruturação do ensino médio no Estado está vinculada com a possibilidade de minimizar os problemas associados com abandono escolar e a reprovação, o que demanda a necessidade de romper paradigmas vivenciados nas escolas.

Temos a convicção de que somente uma reestruturação curricular sob outros paradigmas é capaz de garantir o acesso, a permanência e a consistente aprendizagem de nossos jovens e adolescentes. Novos paradigmas pressupõem mudanças. Mas não mudar somente porque é uma tendência do momento levantar bandeiras de transformações. Mudar porque mudanças foram impostas pela evolução da humanidade – e não param nunca de acontecer. Mudar porque as condições objetivas de reprodução da vida, do mundo do trabalho e do processo produtivo são outras. Mudar porque os fundamentos científicos e tecnológicos de todas as profissões mudaram. E essa realidade alcança a escola e as relações que nela se estabelecem em especial no que diz respeito ao conhecimento e à aprendizagem. (NASCIMENTO, M. E. P., 2013, p. 16).

Segundo Nascimento (2013), não basta mudar a proposta, mas o modo de ver e agir sobre e na escola. A proposta traz consigo mudanças pontuais para as escolas do ensino médio do estado do Rio Grande do Sul. Segundo (SEDUC/RS 2011) o novo ensino médio veio com melhorias na qualidade de ensino e preparação dos alunos para enfrentar as exigências da sociedade atual e dos avanços científicos, a exemplo da proposta de integração do Componente Curricular de Seminários Integrados que tem como objetivo ter um espaço para desenvolver pesquisa e atividades interdisciplinares. Na Figura 01, estão descritas algumas das principais diferenças entre o ensino médio politécnico e o ensino médio que se tinha até 2011, segundo Ferreira (2013, p. 189).

Ensino Médio (LDBEN 5692/71)	Ensino Médio (LDBEN 9394/96)
Referencial: conhecimentos formais	Referencial: trabalho como princípio educativo Politecnicia: domínio intelectual da técnica; Relação entre conhecimentos sociais e formais Eixos estruturantes: ciência, cultura, tecnologia e trabalho
Currículo: fragmentado, descontextualizado – descolado da vida do aluno	Currículo: interdisciplinar, articula áreas do conhecimento com eixos transversais; desvela a realidade por meio de questões-problemas ou necessidades da vida; utiliza a pesquisa científica, como estratégia metodológica, propicia a construção do conhecimento social e historicamente situado, articulado com a vida produtiva
Avaliação: classificatória, seletiva e excludente	Avaliação: emancipatória, cooperativa, solidária e democrática; sinaliza os caminhos de superação das dificuldades da aprendizagem
Relação com Educação Profissional: Ensino Médio e Curso Técnico: dois cursos sem vínculo, duas matrículas nas modalidades de concomitância interna ou externa e subsequente	Relação com Educação Profissional: Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio: uma só matrícula e um curso que integra as áreas de conhecimento e a formação profissional, nas dimensões ciência, cultura, tecnologia e trabalho, na perspectiva da educação integral

FIGURA 1. CARACTERIZAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NA LEGISLAÇÃO NACIONAL (FERREIRA, 2013, P. 189)

Após a etapa de estudo e planejamento das escolas do estado do Rio Grande do Sul da inserção da nova proposta nas escolas, houve a orientação das mesmas para a implantação e execução nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul para o primeiro trimestre de 2012. O novo currículo foi dividido em dois blocos principais: o de formação geral e o de formação diversificada, que seriam desenvolvidos por meio de projetos construídos nos Seminários Integrados (SI)¹ que terão dois blocos principais, entre as áreas do conhecimento e os eixos transversais. Segundo SEDUC/RS (2011, p. 5), as áreas do conhecimento são: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias; e Ciências da Natureza e suas tecnologias e os eixos transversais são diversos, a exemplo de meio ambiente, direitos humanos, cultura, artes, saúde, uso de mídias, etc. Segundo a proposta do estado do Rio Grande do Sul (SEDUC 2011, p. 6),

¹ O SI se organiza a partir da elaboração de projetos nos quais a pesquisa se articula com eixos temáticos transversais vinculados aos projetos de vida dos alunos. Nesse sentido, “a pesquisa socioantropológica é a fonte de informação privilegiada para a organização dos projetos [de estudos], trazendo os dados coletados e trabalhados pelos professores para o desvelamento e enfrentamento da realidade [...]”. No transcurso do trabalho, professores e alunos organizam leituras e desenvolvem caminhos metodológicos de intervenção, possibilitando o diálogo entre os componentes curriculares pelos movimentos que encaminha. (NASCIMENTO, 2013 p. 23).

embora ensino médio politécnico não profissionalize, ele deve estar interligado com o mundo do trabalho e com as relações sociais.

Esta reestruturação do ensino médio tem objetivo de obter melhorias na qualidade de ensino, produzindo avanços. Essa mudança no currículo, têm como objetivo obter melhorias na qualidade de ensino, visto que o mesmo não tem produzido avanços significativos na educação, de modo a levar em conta a necessidade de preparar os jovens para enfrentar as exigências da sociedade atual, em que a velocidade dos avanços científicos e tecnológicos é muito rápida. (ALMEIDA, 2013, p. 2).

O ensino médio que se tinha até 2011, foi reestruturado, uma das mudanças foi implementação do componente curricular de Seminário Integrado, o desenvolvimento do ensino por áreas do conhecimento, a reestruturação dos regimentos e dos Projetos Político Pedagógicos das escolas e a mudança na forma em que acontece a avaliação.

2.1 A AVALIAÇÃO E A PERSPECTIVA DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

Nessa pesquisa, entende-se que a avaliação é uma das etapas importantes no processo do ensino e da aprendizagem, portanto, o professor deve considerá-la associada com o processo de ensino, de modo que ela seja uma etapa construtiva para o professor e os estudantes.

Assim como em 2011 ocorreu uma reestruturação curricular, do ensino médio, a avaliação de um modo geral passou por mudanças de paradigmas ao longo da história, segundo Gallo (2012), a avaliação passou e está passando por mudanças ao longo da história e que tendem a refletir em mudanças na prática docente, a mudanças de paradigmas, novas aprendizagens e novas ações vinculadas com a educação. “Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la” (Ernesto Che Guevara, apud, Peri, 2012, p.179). Esta frase faz-nos pensar no passado refletido no futuro, em termos de educação, nas evoluções históricas que a educação passou, assim como a avaliação.

Na escola e na pedagogia do século XX há uma busca do controle sobre o que e como se aprende, tendo a visão de que só aprenda o que é ensinado, isto na escola do século XX retratada por LIPMAN (1990):

[...] o processo educativo pode, então, ser tomado em uma perspectiva científica, dando segurança ao professor sobre como ensinar e como avaliar o aprendizado de cada aluno. A questão é que este controle sobre o aprendizado, através do ensino, leva a uma homogeneização: o objetivo é

que todos aprendam as mesmas coisas, da mesma maneira. (GALLO, 2012 p. 2).

Esteban (2009), em uma entrevista, relata que a avaliação é um assunto que sempre é necessário de se discutir, pois ela, muitas vezes está interligada com o fracasso escolar que se configura dentro de um quadro com múltiplas negações, onde dentro deste quadro se coloca a negação da legitimidade de conhecimentos e formas de vida formulada dentro de um limite social. A autora ainda reflete que a avaliação é algo indispensável para segurar a disciplina, e questiona: como garantir que os conteúdos estão sendo aprendidos sem uma avaliação dos mesmos? Mesmo sendo quase unânime entre os professores que a “avaliação é um mal necessário”, este tema ainda é polêmico.

Há uma intensa crítica aos procedimentos e instrumentos de avaliação frequentemente usados na sala de aula, que muitas vezes se fazem acompanhar da sinalização de novas diretrizes ou de novas propostas de ação. O olhar para essas novas alternativas precisa estar atento aos discursos e às práticas para evitar que a perspectiva técnica continue colocando na sombra a perspectiva ética. (ESTEBAN, 2009, p. 3).

Ainda, segundo Esteban (2009), avaliar um aluno é uma tarefa difícil e até pode ser uma tarefa frustrante, de acordo com Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009) pois após a avaliação muitos professores tendem a ficar mais desanimados com sua profissão, já que depois de preparar suas aulas, pensar nos conteúdos, organizar, explicar e reexplicar conteúdos, porém muitos alunos ainda acabam se saindo mal nas avaliações e isto pode deixar os professores frustrados com o seu próprio trabalho, o que torna importante que ele não perca a vontade de aprender e se reconstruir:

Que fazer? Na maioria das vezes, enfrentamos o desânimo confortando-nos com os dois ou três alunos que conseguiram fazer boas provas e passamos a “dar aula” para os bons alunos. [...] Esquecemos a ansiedade que sentíamos em relação a nossa capacidade de aprender. (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2009 p. 117).

Na educação o professor é de certa forma um aprendiz que se permite reconstruir-se a cada momento. Segundo Freire (2002, p. 13): “Às vezes, nos meus silêncios em que aparentemente me perco, desligado, flutuando quase, penso na importância singular que vem sendo para as mulheres e homens de sermos ou nos tornamos, como contata François Jacob, “seres programados, mas, para aprender”.” (FREIRE, 1996). Nesta citação é possível perceber a importância da aprendizagem

que, segundo Silva, Santos e Mertins (2014), está relacionada com a avaliação, que é uma etapa do processo de construção de conhecimentos diversificados dos estudantes e uma oportunidade do professor reconhecer a intensidade do que se sabe, seus avanços e suas dificuldades no ato de ensinar.

Santiago (2012, p. 110) fala sobre o perfil de avaliação:

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa, ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente, por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas. (FREIRE, 2009, p. 110, apud SANTIAGO, 2012, p.9).

No ano de 2012, os alunos do Rio Grande do Sul encontraram uma nova modalidade de avaliação nas escolas, e esta foi uma das principais mudanças (de acordo com exposto no regimento de uma das escolas analisadas nesta pesquisa). A avaliação que antes era feita com notas de 0 (zero) a 10 (dez), agora é feita através de conceitos que se diferenciam, segundo o regimento interno das escolas como especificado abaixo:

- **CSA (Construção Satisfatória da Aprendizagem):** expressa a construção de conceitos necessários para o desenvolvimento dos processos da aprendizagem – das Áreas do Conhecimento e na parte diversificada, relacionados no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. Este conceito ao final do período letivo resulta na **APROVAÇÃO DO ALUNO**;

- **CPA (Construção Parcial da Aprendizagem):** expressa a construção parcial de conceitos sobre o desenvolvimento dos processos da aprendizagem, embasados na apropriação dos princípios básicos, desenvolvidos na formação geral nas áreas do conhecimento e na parte diversificada, relacionados no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. Durante o período letivo este conceito encaminha o aluno às atividades de Plano Pedagógico Didático de Apoio. Ao final do período letivo, o aluno que recebe como resultado final o conceito CPA em uma Área de Conhecimento está aprovado, devendo realizar o PPDA (Plano Pedagógico Didático de Apoio); o aluno que receber CPA ou CRA em apenas uma Área de Conhecimento, mas com características de dificuldades mais complexas, é considerado CPA, e está aprovado com **PROGRESSÃO PARCIAL**, devendo realizar o PPDA, construído a partir do parecer descritivo elaborado no Conselho de Classe;

- **CRA (Construção Restrita da Aprendizagem):** expressa a restrição, circunstancial, na construção de conceitos para o desenvolvimento dos processos da aprendizagem, embasados na apropriação dos princípios básicos, desenvolvidos na formação geral – áreas de conhecimento e na parte diversificada, relacionados no Plano de Trabalho do Professor. É atribuída a cada trimestre e ao final do período letivo. No decorrer do ano letivo, o aluno deve ser submetido a atividades constantes no PPDA.

- No final do ano, se este conceito (CRA) for atribuído ao aluno em apenas uma área do conhecimento, o aluno é aprovado com Progressão Parcial, ficando em dependência da área. Porém se este conceito for atribuído ao aluno em mais de uma área de conhecimento, determina retenção, e o aluno está reprovado.

O aluno promovido com PROGRESSÃO PARCIAL no final do 1º e do 2º ano será submetido ao Plano Pedagógico Didático de Apoio (PPDA). Ao final do 3º ano, o aluno será encaminhado ao PPDA, na alternativa de Estudos Prolongados. Ao final do ano letivo, o aluno que receber CPA em mais de uma área de conhecimento é considerado com CRA e está reprovado.

Segundo SEDUC/RS (Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul) este novo tipo de avaliação (chamada de Avaliação Emancipatória) visa a opção por práticas democráticas, onde a escola é um espaço que “tem o compromisso com o desenvolvimento de capacidade e habilidades humanas para a participação social e cidadã de seus alunos” (SEDUC/RS, 2011, p. 32). A avaliação deve estar focada na trajetória de conhecimento do aluno, observar os avanços e orientar meios de superação para as atividades apresentadas, o que permite avaliar de forma emancipatória (COELI *et al.*, 2013) relata sobre as atividades de avaliação:

Na prática, o educando, além de ter aulas dos componentes curriculares do Ensino Médio, desenvolve projetos com atividades práticas e vivenciadas relacionadas com a vida, a sociedade e o mundo do trabalho. As metodologias são interdisciplinares, baseadas em pesquisas pedagogicamente estruturadas e praticadas. (p. 46).

Nas escolas acompanhadas pela pesquisa, a avaliação do Ensino Médio Politécnico passou a ser feita por conceito, sendo que os professores são orientados para utilizar, no mínimo, dois instrumentos de avaliação, a exemplo de trabalhos e de provas. Segundo SEDUC/RS (2011), a avaliação emancipatória é o eixo fundamental do processo de aprendizagem, porque sinaliza os avanços do aluno em

suas aprendizagens, aponta no seu processo os meios para a superação das dificuldades e se traduz melhor na oportunidade de refletir e rever as práticas na escola.

Ao considerar o contexto apresentado, esta pesquisa tem objetivo de analisar percepções sobre a avaliação desenvolvida no ensino médio politécnico, a exemplo das percepções de professores e supervisores de duas escolas públicas da cidade de Pelotas ao realizar atividades de avaliação para os alunos, a percepção dos alunos de terceiro ano (Escola A) e de segundo ano (Escola B) das duas escolas analisadas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho teve origem no componente curricular de Metodologia da Pesquisa em Educação Química do curso de Licenciatura em Química da UFPel e tem continuidade no componente de Trabalho de Conclusão de Curso. A opção pelo tema partiu de observações e reflexões desenvolvidas no Estágio Supervisionado II, Estágio Supervisionado III e durante a atuação como bolsista do Programa de Iniciação a Docência (PIBID) em duas escolas (denominadas de Escola A e Escola B) onde o Programa proporciona uma interação com os alunos e professores da escola. Nestes espaços houveram relatos de diversos professores descontentes com a reestruturação do ensino politécnico, além da divulgação de notícias¹, ocorrida no ano de 2013 onde alunos e professores de Pelotas foram à rua e manifestaram contra a implementação do ensino politécnico¹ mostrando desaprovação ao ensino médio reestruturado. Segundo dados do IBGE, o índice de reprovação e de abandono escolar teve uma diminuição significativa após a reestruturação do ensino médio politécnico.

Durante a minha passagem nas escolas A e B, que ocorreu durante os Estágios Supervisionados I, II e III, assim como durante a execução de atividades do PIBID, observei que havia na escola uma desaprovação da nova proposta de ensino por parte de professores e de alunos. Uma atividade marcante foi em setembro de 2015, através do PIBID, realizou-se um questionário qualitativo com os alunos da escola A, onde o projeto PIBID possibilitou a entrada na escola, o questionário aplicado nesta pesquisa é diferente do desenvolvido os alunos pelo PIBID, sendo que este questionário do PIBID, foi um dos motivacional da pesquisa. Durante a atividade realizada pelo projeto PIBID, desenvolveu-se um questionário que continha perguntas relacionadas com o ensino politécnico, o questionário foi realizado por meio de uma conversa sobre o assunto, de modo a deixar os alunos confortáveis para a atividade, em que colocamos os alunos de 2º e 3º ano do ensino médio politécnico da escola em círculos, respondendo algumas perguntas, como: O que você entende que é o Seminário Integrado?; Comente sobre a contribuição do Seminário Integrado para a sua formação.; Como você acha que deveria funcionar o Seminário Integrado? De modo geral os alunos responderam que “não gostam do seminário integrado”, que agora “não se esforçam tanto”, pois “passar de ano é

fácil”, muitos deles relataram sobre a preocupação que tinham em relação a qualidade do ensino na escola, relataram que professores não cobram o conteúdo em aula e assim muitos acabam ficando acomodados para estudar, ficando prejudicados no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Após a atividade realizada pelo projeto PIBID, os integrantes do projeto relataram aos professores os comentários dos alunos e foi observado que vários professores também tinham a mesma opinião sobre o ensino politécnico e a avaliação do mesmo.

Também no ano de 2013, segundo Diário Popular², houve um protesto por parte dos professores e alunos das escolas públicas de Pelotas contra o ensino politécnico, e foi reivindicado que o ensino médio voltasse a ser como era antes da reestruturação. Nesta pesquisa, busca-se entender o motivo do descontentamento dos professores e alunos, quanto à avaliação que é um dos principais itens apontados como negativos dos professores e alunos. Se houve um aumento de aprovação e baixou a porcentagem de abandono escolar, porque tem este descontentamento das escolas em relação ao ensino médio politécnico?

No primeiro momento, realizou-se uma pesquisa em documentos oficiais e documentos das escolas que continham informações sobre o ensino politécnico e sua avaliação, pois houve o entendimento que é de extrema importância entender a proposta, suas normas e as exigências que compõem o novo processo de avaliação.

Para além do acompanhamento relatado nas escolas como bolsista do PIBID e nas atividades de Estágio Supervisionado, esta pesquisa teve como instrumentos de análise, o uso de questionários, entrevistas e algumas observações feitas nas aulas de professores das escolas A e B. Na escola A, realizou-se questionários a alunos de 3º ano do ensino médio, já na escola B este questionário foi feito com alunos de turmas de 2º ano do ensino médio. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com professores e supervisores das duas escolas.

Realizou entrevistas semiestruturadas realizadas aos professores em que as perguntas (Figura 2) nortearam a conversa dirigida de modo individual aos professores das escolas, todos os professores são do ensino médio politécnico, tanto como professores de Seminário Integrado como professores de disciplinas que

² Diário Popular 2013, Pelotas, acessado em 18 de outubro de 2014.
<http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=NzMwMDU=&id_area=OA>.

compõem as área de conhecimento. Na escola A quatro professores foram entrevistados e na escola B também cinco professores participaram da pesquisa.

1. O que você pensa sobre a avaliação que é realizada no ensino médio politécnico?
2. Como é realizada a avaliação dos estudantes no ensino médio politécnico na escola?
3. Há diferentes interpretações sobre o modo de avaliar e atribuir os conceitos aos estudantes? Houve discussão (em cursos de formação, na escola, ou outro espaço) sobre isso (a avaliação)?
4. Quais são os pontos positivos e os pontos negativos ao realizar esta avaliação? Comente.
5. Você percebe mudanças nas atitudes ou na postura dos estudantes ao mudar o sistema de avaliação? A mudança no modo de avaliar resultou em consequências para o processo de ensino e aprendizagem? Comente.
6. Você teve ou tem dificuldades para a realização da avaliação do ensino politécnico?
7. Sobre os pontos negativos da proposta do ensino politécnico, em especial, a avaliação, o que poderia ser desenvolvido para melhorar a situação atual?
8. Em agosto de 2013 houve uma manifestação na cidade de Pelotas como intuito de protestar contra a implementação do ensino médio politécnico. Os professores desta escola participaram desta manifestação? Se a resposta for positiva, como foi esta manifestação, vocês foram ouvidos¹?

FIGURA 2: QUESTÕES NORTEADORAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES

Houve também o desenvolvimento de um questionário aberto dirigido aos alunos das escolas (Figura 3). Na Escola A o questionário foi aplicado em todas as turmas do turno da manhã do 3º ano (56 respostas), e no noturno o questionário foi realizado em algumas turmas de 3º ano do ensino médio (22 respostas), totalizando 78 respostas. Na Escola B o questionário foi realizado apenas em algumas turmas do turno diurno de 2º ano do ensino médio, totalizando 63 respostas, isto ocorreu pela disponibilidade da professora que auxiliava-me no momento da pesquisa, sendo que suas turmas eram de 1º e 2º ano e visto que estes alunos (de 2º ano) estavam já no ensino médio politécnico quando ocorreu a manifestação que protestou contra a implementação do ensino médio politécnico, onde o questionário tem neste sentido a questão 6, assim impossibilitando que alunos de 1º ano participasse da pesquisa.

1. Que série do ensino médio você está?
2. Como funciona o Seminário Integrado na sua escola? Você gosta desta disciplina e o modo como é avaliado na disciplina de Seminário Integrado?
3. Como é feito a avaliação das disciplinas na sua escola?
4. Você concorda com o modo em que você é avaliado? Quais os pontos positivos e os pontos negativos da avaliação que é desenvolvida, segundo a sua opinião?
5. Como você gostaria de ser avaliado?
6. Em agosto de 2013 houve uma manifestação na cidade de Pelotas com o intuito de protestar contra a implementação do ensino médio politécnico. Os alunos desta escola participaram desta manifestação? Se a resposta for positiva, como foi esta manifestação?

FIGURA 3: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

A opção de realizar um questionário com os estudantes, deve-se pelo número elevado de alunos, impossibilitando a realização da entrevista.

Cabe mencionar que também se realizou uma entrevista semiestruturada para identificar as percepções das supervisoras do ensino médio politécnico das duas escolas (Figura 4). A entrevista foi intercalada com perguntas que surgiam, facilitando a compreensão de percepções dos mesmos sobre a avaliação no ensino politécnico.

1. Como foi realizada a implementação do ensino médio politécnico na escola?
2. Quais os pontos positivos e negativos do ensino médio politécnico?
3. Como é realizada a avaliação dos estudantes no ensino médio politécnico na escola? (quais tipos de avaliação são usados pelos professores? professores têm liberdade de fazer qualquer tipo de avaliação, por exemplo, trabalho, prova, seminário, etc.? tem alguma orientação universal/única? como são fechados os conceitos pelas áreas de conhecimento, e conselho de classe?).
4. Houve alguma rejeição, resistência ou dificuldade por parte dos **professores** e **estudantes** ao ensino médio politécnico ou a proposta foi bem aceita?
5. Você percebe mudança nas atitudes ou na postura dos estudantes ao mudar o sistema de avaliação? A mudança no modo de avaliar resultou em consequências para o processo de ensino e aprendizagem? Comente.
6. Em agosto de 2013 houve uma manifestação na cidade de Pelotas como intuito de protestar contra a implementação do ensino médio politécnico. Os professores desta escola participaram da manifestação? Se a resposta for positiva, comente sobre.

FIGURA 4: QUESTÕES NORTEADORAS REALIZADAS COM AS SUPERVISORAS

A entrevista na escola A foi realizada no ano de 2015, com 4 professores, 1 supervisora do turno matutino e vespertino. O questionário foi realizado com 78 alunos, sendo que 22 alunos são do turno noturno e 56 do turno matutino das séries de 3º ano do ensino médio politécnico. Cabe destacar que na coleta de dados não houve negação para responder por parte dos alunos, os mesmos foram receptivos. Na entrevista feita para aos professores também não houve nenhuma questão que eles se negaram a responder, porém uma professora não aceitou ser gravada em forma de áudio, sendo que para estes a entrevistas foi realizada com anotações em diário de bordo, sem a gravação. Com a supervisora foi realizada a entrevista gravada e os tópicos da entrevista foram contemplado de forma ampla e proveitosa.

Na Escola B foram entrevistados 5 professores, 1 supervisora, todos os professores são atuantes no ensino médio politécnico. O questionário foi desenvolvido com 63 alunos, dos quais 56 alunos (do 2º ano, turno da manhã)

responderam, pelo menos uma pergunta do questionário e os restantes (7 alunos) se negaram a responder e/ou entregaram o questionário em branco e/ou não entregaram o termo de consentimento assinado pelo responsável, neste ponto é importante ressaltar que nesta escola muitos alunos estavam temerosos por responder o questionários, durante o desenvolvimento do mesmo, houve várias perguntas, se a escola leria as respostas dos alunos, se eles seriam identificados, entre outras, talvez por isto houve uma certa diminuição no número de questionários respondidos, este questionário foi realizando em 3 turmas, sendo que esta escola possui 4 turmas de 2ª ano.

Ainda na escola B o questionário aplicado aos alunos e as entrevistas com os professores foram realizadas no ano de 2014, para os quais não foi realizada gravação na forma de áudio, ainda que a supervisora a entrevista foi realizada de forma gravada no ano de 2015.

Para assegurar a identidade dos professores e estudantes, utilizou-se a codificação que segue: PA1 a PA5 para os professores da escola A e PB1 a PB5 para professores da escola B, e assim sucessivamente; os alunos da escola A estão representados pela codificação: AA1, AA2, AA3 e assim sucessivamente; e da escola B os alunos estão codificados por AB1, AB2, AB3, e assim sucessivamente, as supervisoras por S1 para a supervisora pedagógica da Escola A e S2 para a supervisora pedagógica da Escola B. A pesquisa envolveu a entrega de um termo de consentimento livre e esclarecido para os estudantes (Apêndice A) e para os professores e supervisora (Apêndice B).

As falas e as respostas das perguntas associadas as Figuras 2, 3 e 4 foram agrupadas por similaridade na busca de respostas à pesquisa, sendo selecionados trechos representativos de escritos ou falas dos sujeitos de pesquisa na busca de analisar percepções de professores e de alunos sobre o contexto de duas escolas públicas da cidade de Pelotas que vivem e vivenciaram a reestruturação do ensino médio politécnico e a mudança na forma de realizar a avaliação.

3.1 A PROPOSTA DO POLITÉCNICO E A AVALIAÇÃO REALIZADA NAS ESCOLAS

A reestruturação do ensino médio trouxe consigo uma necessidade de reforma dos projetos políticos pedagógicos das escolas públicas estaduais, visto que é neste documento que se expressa, por exemplo, a forma de como se desenvolve o ensino e a avaliação na escola.

Na concepção da nova LDBEN, a proposta político-pedagógica da escola deve: articular as áreas de conhecimento; priorizar o protagonismo, o diálogo com o mundo e com o mundo do trabalho; interagir com as novas tecnologias; superar a imobilidade de uma gradeação curricular; superar a seletividade e a exclusão do jovem; e, finalmente, construir uma efetiva identidade para o Ensino Médio. (FERREIRA, 2013 p. 190)

Segundo Veiga (2000), o projeto político pedagógico tem o objetivo de organizar o trabalho pedagógico da escola e deve ser seguido pelos protagonistas da mesma. Nele está articulado o compromisso sócio-político com os interesses e coletivos da população escolar, buscando organizar o trabalho pedagógico de modo que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas.

Segundo Veiga (2000), o projeto político pedagógico ideal precisa ter sete elementos básicos que são: *Igualdade*, que visa as condições para o acesso e permanência da escola. Esta igualdade requer a expansão de quantidades de ofertas. *Qualidade*, que tem a obrigação de evitar a evasão e a repetência, e deixar disponível a qualidade para todos. *Gestão democrática*, valorização do magistério, que visa fazer com que os professores tenham sucesso na formação de cidadãos capazes de participar da vida socioeconômica, também vê a formação continuada como um direito do profissional que trabalha no ambiente escolar. De acordo com Veiga (2000), o projeto político-pedagógico de uma escola vem com intuito de buscar melhoria da qualidade do ensino. O autor ressalta também que a escola é um lugar de concepção, realização e avaliação de seu projeto educativo que deve organizar seu trabalho pedagógico com base em seus alunos.

Como modo de melhor entender como ocorre a avaliação do ensino médio politécnico, na escola A, foram considerados, nesta pesquisa, relatos de professores, supervisores e alunos, levando em conta as reflexões observados durante o processo da pesquisa. O projeto político pedagógico (PP) da Escola A não

estava disponível para a comunidade por estar em construção. Na Escola B o PPP também estava em construção, sendo que ele possui alguns fragmentos do ano de 2007 e já atualizado alguns dados de 2015, nesta escola será levado em conta além de relatos de professores, supervisores e alunos, observações realizadas durante o componente curricular de Estágio Supervisionado III e alguns trechos sobre o ensino médio politécnico que se encontra no PP da escola. Cabe destacar que o regimento das escola seguem o padrão disponibilizado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul.

3.1.1 ESCOLA A

A escola A é considerada como uma das maiores escola da cidade de Pelotas, a escola está em funcionamento durante os 3 turnos, tendo desde a pré-escola até o ensino médio, ela conta com 16 turmas do ensino fundamental composta por 10 turmas de séries iniciais (1º ao 6º ano) e 6 turmas de series finais (7º ao 9º ano), no ensino médio para 24 turmas sendo que 6 turmas são no turno da noite e 18 no turno da manhã e ensino técnico para 2 turmas, assim totalizando mais de mil alunos. Nela contamos com a presença de 98 professores e 27 funcionários, dos quais foram entrevistados 4 professoras e 1 supervisora.

Assim como em todas as escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, o ensino médio politécnico foi implantado no ano de 2012 na escola A. Neste item (3.3.1), será apresentando um breve relato sobre principais falas da supervisora pedagógica da escola, com vistas a ajudar a entender o movimento que perpassou a escola ao instituir o ensino médio politécnico e a sua avaliação.

Segundo a supervisora da escola, o primeiro momento de implementação do ensino médio politécnico foi difícil, professores, alunos e pais não compreendiam como funcionaria na escola e muitos mostraram uma certa resistência, como segue na fala de S1: *“os alunos, eles demoraram muito para se adequar ou aceitar esta nova avaliação que é em cima do conhecimento, em cima do desempenho e não em cima de notas. Durante muito tempo eles resistiram, [...] inclusive alguns professores também estranharam. Outra questão é assim toda a proposta do professor, ela deve*

ser avaliada, porque é uma avaliação formativa, contínua e acumulativa e os alunos gostavam da avaliação do produto que era feito lá no fim do trimestre, porque ainda eles poderiam levar assim meio que “flautiado”, porque chegava lá no finalzinho do trimestre e a professora aplicava uma prova, duas ou um trabalho e tinha aquela nota. **Agora toda a produção do aluno ela é acompanhada e avaliada**, como os alunos não estavam acostumados, eles faltam muito. Eu acho que isto foi um fator que dificultou bastante os alunos não estarem conscientizados e as famílias não estarem conscientizadas de que agora estamos avaliando em cima do conhecimento e não em cima de resultados e notas, entende?” (destaque da autora). Em sua fala, a supervisora expressa seu ponto de vista sobre o ensino médio politécnico e, para ela, agora o conhecimento é avaliado de forma mais abrangente, com mais instrumentos de análise, onde o aluno é observado durante todo o ano letivo, tanto em comportamento, trabalhos, provas. Para a supervisora os alunos ainda não estão acostumados com esta nova forma de serem avaliados, onde alguns alunos, como não tem mais a avaliação na forma de produto, deixam de ir à aula.

Em outra fala a supervisora complementa sobre a postura dos alunos, relatando que nesta nova avaliação “Alguns alunos começaram a se descansar e deixar para estudar apenas no final do ano. [...] Ano passado aconteceu uma coisa bem preocupante, os alunos começaram a dizer que e se espalhou na escola que era só o último [trimestre] que valia e o que aconteceu?, chegou lá no final do ano, os professores cobraram o conteúdo do primeiro, do segundo e do terceiro [trimestre], porque tem que cobrar no final do ano e aí deu uma reprovação muito grande no ano passado. Então é muito complicado, os professores tem que abraçar esta ideia e tem que conversar com os seus alunos que não é bem assim, o último [trimestre] é definidor, mas para que tu sejas aprovados no último tu tens que [ir estudando], porque vai aumentando a complexidade [...] se ele não levou a sério lá no primeiro [trimestre], porque achou que só o terceiro é definidor, ele fica com uma defasagem naquele conhecimento e não consegue resolver a situação problema lá no terceiro, porque o alunos ainda está muito com está [ideia da] avaliação por produto: “Ah! O professor passa uma prova lá no terceiro [trimestre] e eu aprovo”, mas não é bem assim para aprovar, porque os professores tem que cobrar o todo, e eu acho que é aí que está tendo problemas”. A supervisora relata uma situação problema onde os alunos acreditavam que a avaliação determinante acontecia

apenas no último trimestre do ano, e por isto acabavam não estudando, no final do ano quando foi cobrado todo o conhecimento adquirido durante o ano todo, muitos alunos reprovaram porque estavam com uma deficiência nos primeiros conteúdos adquiridos.

Segundo a supervisora, os professores tem a total autonomia para avaliar os alunos, tanto com provas, quanto com trabalhos. Tem professores que fazem mais provas outros mais trabalhos, mas a escola dá esta autonomia ao professor. Ao perguntar para a supervisora se existe diferença entre as concepções sobre o ensino politécnico entre as escolas, ela respondeu que sim: *“É diferente porque depende de qual teórico que tu pega, nós pegamos estes teóricos dos quatro pilares da educação, agora a forma de expressão é a mesma. Agora tem escolas que avaliam só o trabalho e fecha os olhos para o resto [...] este é o diferencial da nossa escola, é tentar fazer esta parte integral do aluno, entendeu?”* (S1).

E sobre a manifestação em 2013, a supervisora pedagógica da escola comenta que alguns alunos foram, mas ela não foi. A supervisora também comentou que a escola está trabalhando de acordo com os 4 pilares da educação, onde é visto o Saber, Saber Fazer, Saber Ser e Conviver. A supervisora (S1) da escola relata sobre estes pilares da educação, destacando que *“o aluno precisa passar por estes pilares da educação para ficar bem formado na educação básica. Só que tem muitas escolas que deixam totalmente de lado essas partes aqui”*. Segundo Cunha, Lombardi e Ciszewski (2009), na educação, os quatro pilares devem ser respeitados para que haja de fato uma construção satisfatória de conhecimento.

“Os “quatro pilares da educação” e a “educação ao longo de toda a vida”, as propostas mais importantes contidas no “Relatório Jacques Delors” mostram que, para a educação da nova sociedade que surge, a “sociedade do conhecimento”, a aquisição apenas quantitativa de aprendizagens não promove o desenvolvimento de um ser humano completo. Para que esse desenvolvimento ocorra de maneira a proporcionar o crescimento da criança em todos os aspectos, é necessário que se desenvolvam, também, valores e atitudes e que haja estímulo à imaginação, à criatividade, à pesquisa, à pluralidade e principalmente à autonomia e à solidariedade.” (CUNHA, LOMBARDI, CISZEWSKI, 2009 p. 47)

Para auxiliar os professores a supervisora organizou esquemas que auxiliassem os professores da escola no modo de avaliar os alunos, na escola é levado em consideração os seguintes itens:

Saber: Onde os conceitos que são trabalhados durante o trimestre envolvem o entendimento e a compreensão dos assuntos desenvolvidos pelos professores.

Saber Fazer: É a transposição do que se aprendeu no item Saber, neste item o aluno deve mostrar capacidade de demonstrar de forma prática o que aprendeu, o saber fazer os professores analisam seminários, ideias de temas, argumentos pertinentes sobre o assunto e etc.

Saber Ser e Conviver: Analisa se o aluno é dedicado, participa das aulas interage de forma colaborativa, sabe conviver com os colegas de forma harmoniosa e se sabe trabalhar em grupo.

Sobre estes itens, a supervisora ainda comenta sobre tais pilares: *“O Saber a gente inclui todos os trabalhos, provas que o professor fez durante o trimestre, todo conhecimento específico que eles precisam saber. O saber fazer a gente considera a produção, o que eles fazem com o que eles sabem? Eles conseguem transformar o que foi aprendido na resolução de um problema, por exemplo? E o Saber ser e conviver, nós juntamos os dois, porque saber ser aluno do ensino médio é se ele sabe contribuir, participar da aula de uma forma construtiva, como ele participa da aula e o conviver é o respeito das diferenças, a questão da inclusão, o respeito com os colegas e o comportamento, e no final saí o conceito geral dos componentes. Se eu acho que o aluno é bom eu dou CSA, se aquele aluno tem condição de aprender e melhorar eu dou um CPA, mas se eu tenho um aluno que não quer nada com nada, aquele aluno displicente eu dou CRA, que é restrito à aprendizagem, para mim CRA é quase nada”.*

No item **saber**, segundo a supervisora da escola A é exigido dos professores que utilizem no mínimo dois instrumentos de avaliação, onde os mesmos possuem liberdade de optar pelo tipo de instrumento avaliativo (A1, A2, A3, ...), seja prova, trabalho, seminário, entre outros, que são seguidos por conceitos (C). Cada avaliação que o professor faz é completado um esquema (Figura 5).

Saber			Saber Fazer	Saber Ser e Conviver	Conceito Final
A1	A2	A3	Avaliação 2	Avaliação 3	Avaliação 4
C	C	C	Conceito	Conceito	Conceito

FIGURA 5: ESQUEMA PESSOAL DE CONTROLE DO PROFESSOR

No saber Fazer e no Saber Ser e conviver o professor avalia o aluno de acordo com o seu desenvolvimento na disciplina com um conceito geral, o item saber abrangem o que o aluno sabe fazer com o conhecimento, se ele sabe aplicar o que foi aprendido e no item ser e conviver é avaliado o comportamento, participação do aluno em aula (Figura 6).

Saber	Saber Fazer	Saber Ser e Conviver	Conceito Trimestral
Conceito Geral	Conceito Geral	Conceito Geral	Conceito Geral

FIGURA 6: ESQUEMA PESSOAL DE CONTROLE DO PROFESSOR

É importante ressaltar que os professores completam o quadro com conceitos CSA, CPA ou CRA. Se os professores optarem por utilizar o instrumento prova, eles utilizam o esquema que encontra em anexo (Anexo A) ao fazer a relação entre o número de acertos que um aluno tem em uma determinada prova, e o conceito referente a esses acertos. Depois de saber o conceito de cada prova, o professor faz um conceito geral de todas as provas juntas com alguma outra avaliação que ele poderá fazer e colocará no item Saber o conceito geral de todas provas e trabalhos. Assim ele consegue, no final, dar um parecer que irá no boletim do aluno, fazer a avaliação do estudante de acordo com a figura 6 que também está explicitado no anexo B onde tem o exemplo da área de Ciências da Natureza.

No item Saber fazer os professores avaliam os alunos no decorrer do ano pelo Seminário Integrado referente a Figura 6. O professor completará colocando apenas o resultado final do processo, mas durante o processo o professor utiliza de um esquema (Anexo C) para avaliar a aprendizagem adquirida de forma qualitativa, onde no quadro que esta em anexo C, em que professor irá avaliar o aluno levando em consideração os três blocos: **Auto Avaliação** e outros trabalhos; Seminário (**trabalhos vivenciais**); **Prova(s)**. Cada bloco tem características de conceitos como auto avaliação, participação em aula, respeito com os professores e colegas, pontualidade nas apresentações, domínio do conteúdo proposto, entre vários outros itens, onde para cada uma dessas características o aluno recebe um conceito (CSA, CPA e CRA). Depois de receber os conceitos em todas as etapas, o professor se baseia na tabela (Anexo D) onde estão todas as combinações de conceitos e o resultado final de cada caso, por exemplo, um aluno que recebeu em Auto Avaliação (Atitudes e procedimentos) CSA, em provas e trabalhos recebeu CPA e em trabalhos vivenciais recebeu CSA, ele fica com um conceito médio de CSA. No boletim o Seminário Integrado aparece como uma área diferente (Anexo E) em que também será adicionado um parecer.

3.1.2 ESCOLA B

A escola B conta com uma equipe de aproximadamente 170 (cento e setenta) integrantes, sendo 140 (cento e quarenta) professores e 30 (trinta) funcionários, dois quais foram entrevistados 5 professores e 1 supervisora do ensino médio politécnico com um número aproximado de 2100 (dois mil e cem) alunos dispostos em três turnos (manhã, tarde e noite), com horário de funcionamento das 07h00min às 22h45min. A escola B apresenta diversas modalidades de ensino envolvendo, Educação Infantil (até quarta série), Ensino Fundamental (de quinta a nona série), Ensino Médio (primeiro, segundo e terceiro ano), Ensino normal (magistério), Educação de jovens e adultos (EJA) e Educação de Surdos. A escola B, assim como a escola A, é uma das maiores escolas da cidade de Pelotas

Segundo a supervisora da Escola B (S2), a avaliação do ensino médio politécnico acontece da seguinte forma: os professores têm liberdade e autonomia

para fazer o número de provas, trabalhos que desejar no final de cada etapa (trimestre) é realizado um simulado, pensado no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e a partir deste é dado o conceito do aluno. Segundo S2 *“[...] o simulado tem 36 questões e tem de 3 a 4 questões de cada disciplina. Este simulado é como eles estivessem fazendo o ENEM, a gente coloca ele em ordem alfabética, a gente simula como se tivesse fazendo o ENEM, em uma sala a gente coloca os primeiros anos, em outra os segundos e na outra os terceiros. Ele vale uma nota dentro de cada disciplina [...] vamos supor, a nota do simulado ela é geral, vamos supor, se eu tirei CPA no simulado, a nota [...] vai para todas as disciplinas dentro do trimestre”*. A nota do simulado é adicionada com as notas das provas e trabalhos que os professores fizeram ao longo do trimestre. Depois que cada professor das disciplinas realizou a sua avaliação com os alunos, os professores das áreas do conhecimento se reúnem e analisam o aluno, onde também é analisado o comportamento do aluno: *“Por exemplo, são 4 disciplinas e o aluno começa a ter conceitos diferentes, o que os professores fazem? Eles perguntam, que aluno é aquele? ‘Ah, ele até se saiu mal em uma disciplina, mas aquele aluno é esforçado, corre atrás, ele está sempre em aula, está sempre perguntando. Então se ele passou em 3 e reprovou em 1 ele passa na área’ e isto conta muito”* (S2). As notas das disciplinas não aparecem no boletim do aluno o que aparece é o conceito geral da área.

A supervisora ainda complementa sobre os conceitos gerais *“Se o aluno quer saber a nota de cada disciplina, ele precisa vir aqui no SOE e ver sua avaliação”*. Ao questionar a supervisora sobre a avaliação do comportamento dos alunos, ela responde: *“Geralmente o professor avalia [comportamento] em sala de aula, mas se o professor por algum acaso não avaliar, na hora do conselho de classe ele é puxado[o aluno é avaliado], assim dificilmente um aluno tira CSA em tudo [todas as áreas, no sentido que sempre o aluno é avaliado o comportamento]. [...] geralmente é aí que o aluno é avaliado no comportamento”*. Nesta fala a supervisora fala sobre uma realidade da escola onde a grande maioria dos alunos não tiram CSA em todas as disciplinas, e quando um aluno fica mediado, obtêm conceitos distintos os professores quando se reúnem, avaliam o comportamento para decidir o conceito deste aluno, segundo a supervisora da escola, se um aluno reprova em apenas uma disciplina, mas é um bom aluno ele passa na área, mas caso não seja um bom aluno ele reprova na área.

Sobre o Seminário Integrado, a supervisora relata que na escola os alunos diferem o tempo de seminário de acordo com o ano que eles estão: *“os primeiros anos têm três aulas de Seminário Integrado, os segundos anos tem quatro aulas e os terceiros cinco aulas, o que a gente trabalha aqui? Temos 3 direções que são: Cultura, Tecnologia e Trabalho [...] cada trimestre é uma direção desta, todos os segmentos do primeiro ao terceiro ano, só que a maneira de trabalho é diferente. O primeiro ano trabalha o “eu”, qual o seu processo dentro da cultura, por exemplo, daí cada professor vai trabalhar de uma maneira diferente, mas é isto, o aluno vai escrever qual o processo dele dentro da cultura, então tu vai pesquisar e vivenciar isto. Nos segundos anos tu tens que saber escrever isto, além de trabalhar e vivenciar, tu tem que passar para o papel e escrever e no último ano ele tem que escrever um projeto mesmo”*. Ao questionar se houve resistência por parte dos professores a este novo ensino médio politécnico, S2 responde que teve muita resistência por parte dos professores, mesmo a escola implantando o novo ensino médio devagar, para não “assustar” os professores.

Ainda a supervisora pedagógica da escola comenta sobre a implementação do novo ensino médio para o alunos, os pontos positivos e negativos em relação aos alunos. Ela reflete uma opinião semelhante ao da supervisora da escola A, onde relata que os alunos menos aplicados aos estudos não se desenvolveram como deveriam: *“Eles acham que é mais fácil. Eu acho que é mais difícil. Vamos supor, o aluno rodou em uma disciplina só, ele vai ter que fazer prova das quatro e é muito mais trabalhoso. O ensino politécnico exige que tu dê todas as condições para o aluno, se o aluno não conseguiu [ser aprovado] tu vai e vai [no sentido de fazer mais provas]. É mais trabalhoso para o professor e para o aluno. Aqui na escola a gente está tendo um problema assim, o aluno não quer mais estudar a gente tem turmas de 38 alunos e tem 10 [alunos] que são alunos que vão atrás estudam. Acho que este ensino médio deixou o aluno muito mais malandro, porque ele sabe que se rodar, vai ter o provão, se rodar de novo, vai ter a dependência, só que aí para ele ter direito a dependência, ele pode reprovar em apenas uma prova. Então se ele reprova em história e em português, ele reprova de ano”*.

Sobre a resistência dos alunos, a supervisora relatou que os alunos não gostavam do Seminário Integrado, até hoje os alunos da escola não gostam, porque

aumentou a carga horária do ensino médio. Antigamente os alunos tinham 20 horas aulas, agora eles tem 25 horas aulas por semana, esta carga horária é feito no turno inverso, onde não necessariamente é feito apenas Seminário Integrado, pode ser outra disciplina qualquer no turno inverso. Segundo S2 isso prejudica os alunos que trabalham no turno inverso ou que fazem um Curso, com exceção do terceiro ano que durante a tarde eles têm apenas Seminário Integrado, que é como uma pesquisa e o aluno não precisa necessariamente estar na escola, pois ela pode ser realizada em casa, sob orientação desenvolvida no turno da manhã, do professor, para estes alunos. O único dia que eles precisam vir obrigatoriamente no turno inverso é para a apresentação da pesquisa.

Sobre a mudança de notas para conceitos, o ponto negativo que os alunos da escola destacaram, segundo S2, é que: *“Até hoje acho que eles não entendem. Eles sabem que para tirar o CSA precisa ter os 60%, mas quando vem o CPA e o CRA, eles ficam bem perdidos, porque eles vêm até o nono ano com notas, daí chegam aqui [no ensino médio] e ficam perdidos, aí vem muito os pais procurar a gente: ‘Ah, eu não entendo’, daí a gente explica de novo”*. Sobre a frequência, se o aluno ficou em infrequência, ele ainda tem uma recuperação de frequência, que são trabalhos que os professores deixam e a coordenação fica aplicando esses trabalhos depois do ano letivo acabar. S2: *“Acho que os alunos pensam ‘ah, eu tenho tantas vantagens, porque eu vou ir na aula? Se eu posso recuperar depois?’*. Sobre o Seminário Integrado a supervisora relata que acha importante, porque o aluno aprende a se apresentar, a preparar uma apresentação, a se portar na hora de apresentar um trabalho, ele aprende e já chega à universidade preparado, porque quando um professor pedir para ele apresentar um seminário, ele não vai estar perdido.

Outro aspecto levantado pela supervisora foram os pontos positivos do ensino médio politécnico: *“Eu acho interessante. A nota, ela é muito direta, é muito número. O conceito tu vai ver o aluno, quantas vezes eu estou em sala de aula e o aluno tem dificuldade, ficam nervosos e não se saem tão bem na prova, então eu sei que se ele tivesse tranquilo ele conseguiria fazer o exercício. Agora no ensino médio politécnico tu tens a liberdade de ter esta visão. Agora quando é prova e nota, é a nota e deu! Agora, ‘Ah! vou dar um ponto para aquele aluno’ os outros vão reclamar,*

porque os alunos vão falar 'ah! a professora me deu um ponto'. Agora no ensino médio é conceito, eu posso ajudar esses alunos, eu acho legal, e acho que este é o caminho para mudar, mas a gente tem que aprender muito, muito, muito. Tem que ter mais reuniões os professores, deveria conversar, só que a gente não tem tempo para isto [...]". Sobre os pontos negativos a supervisora fala: "No início a gente não soube como trabalhar e o aluno ficou desinteressado. Este é um ponto negativo e que a gente vai ter que recuperar, outro ponto é que no ensino médio politécnico, ele favorece o professor preguiçoso, eu posso fazer qualquer avaliação, então eu vou fazer isto e deu, e como o governo dá todas as condições para o aluno ser aprovado. Então porque tu vai fazer 3 avaliações para ver-se aluno consegue [aprovação] e tem que fazer mais a quarta e a quinta para ver se ele passa. Então o professor pensa, eu vou fazer 7 avaliações para o aluno passar, então faço duas e passo, tá entendendo?"

Ao questionar a supervisora sobre a manifestação ocorrida em 2013, ela relatou que sabia pouco sobre o assunto, porém um professor que estava ali, chamarei este professor aqui de P9, respondeu que a manifestação foi mais política, onde os que mais manifestaram foram os professores e não os alunos, e que esta manifestação ocorreu em todo o estado do Rio Grande do Sul, haviam grupos de manifestantes que apoiavam o ensino médio politécnico e outro grupo que era contra. Em Pelotas, P9 relatou que a manifestação foi de pequeno porte, porém em Porto Alegre, capital do estado, a manifestação gerou grande repercussão, onde os extremistas chegaram a queimar as cartilhas do MEC. Segundo P9 " *foi um grupo que na época estava no CEPERGS [sindicato dos professores] que era contra o processo de implementação do ensino médio politécnico, e que fez esta manifestação. Ocorreu no estado todo e teve uma aqui no centro. Aqui [na escola B] teve apenas uma menina que participou, ela já se formou, eu lembro bem disto porque eu e [nome de outra professora] éramos representantes do sindicato dos professores, nós nos demitimos do cargo do CEPERGS porque não concordávamos com aquele movimento [...] era um movimento do PSOL e do PSDB que era contra o governo, foi bem político [...] na verdade a grande discussão que estava sendo feita em cima do ensino médio politécnico era em cima de duas coisas: um descontentamento dos professores com a avaliação emancipatória que não tem nada a ver com o ensino médio politécnico, mas foi implementado junto e um*

movimento do sindicato contra a politecnia, que no pensamento dos dirigentes daquela época, era transformar o ensino médio em curso técnico, o que não é, não tem nada a ver, mas eles acreditavam nisto, que o governo estava criando uma escola pública para pobre, enquanto a escola privada era a que ia colocar os alunos na universidade, o que não aconteceu, até porque todos esses processos foram acompanhados de outros processos, das cotas e tal e hoje nós temos muito mais alunos de escola públicas nas universidades federais do que tínhamos a 10 anos atrás [...] teve estudantes que foram contra esta implementação, teve estudantes que foram a favor, que escreveram uma nota dizendo que apoiavam a implementação, teve alguns grêmios estudantis que se movimentaram, então foi uma confusão. Teve uma manifestação grande em todo estado. O CEPERGS chegou ao ridículo de queimar as cartilhas que nós deram sobre o ensino politécnico. Eles achavam que o ensino médio formaria uma escola excludente que formaria mão de obra barata, que na verdade teve uma leitura errada sobre a politecnia”.

Segundo o Projeto Pedagógico (PP) da escola, a avaliação é Emancipatória, onde o processo de aprendizagem é contínuo, participativo, diagnóstico e investigativo, intimamente ligado à concepção de conhecimento e currículo, sempre provisório, histórico, singular na medida em que propicia o tempo adequado de aprendizagem para cada um e para o coletivo. O PP da escola também relata que a avaliação emancipatória deixa a escola mais flexível, investindo na avaliação da consciência crítica, da autocrítica, do autoconhecimento, na autonomia e do protagonismo do sujeito. De acordo com o PP da escola (2014, p. 14):

A finalidade da Avaliação Emancipatória é diagnosticar avanços e entraves, para intervir, agir, problematizar e redefinir rumos a serem percorridos. Propicia a mudança e a transformação, dessa forma, não se reduz a mera atribuição de notas, conceitos ou pareceres para aprovação ou reprovação, já que o processo educacional não pode ser tratado nem reduzido a esses aspectos.

Na escola B, a avaliação dos estudante possui várias funções principais, tais como esta descrita no seu PP (2015, p. 14):

Diagnóstica: favorecendo o planejamento, organiza o trabalho do professor, oportunizando novas estratégias e alternativas, assim como possibilita ao aluno verificar seu nível de desenvolvimento;

Formativa: destinando-se a informar a situação em que se encontra o educando, no que se refere ao desenvolvimento de suas

aprendizagens. Contempla a autoavaliação do aluno, do grupo, da turma e dos educadores;

Contínua e cumulativa: considerando a construção do conhecimento do aluno, como um todo, coerente e significativo. Deve apresentar situações de construção do conhecimento de forma crescente em complexidade, tendo como parâmetro as construções do próprio aluno.

Segundo o PP da escola, a avaliação é dividida em dois blocos: a dos componentes curriculares e a dos projetos vivenciais. O primeiro bloco se dirige as disciplinas mais específicas de cada área com a interface da avaliação, no segundo bloco estão os projetos vivenciais e a avaliação dos seminários integrados, onde são feitos planejamentos de seminários e trabalhos em conjunto com os professores. Este mesmo documento ressalta que os professores devem utilizar mais que um instrumento de avaliação para chegar aos conceitos finais do todo o PP cita alguns métodos que são utilizados pelos professores da escola:

Na avaliação realizada em cada componente curricular, o professor necessita utilizar vários instrumentos para avaliar individualmente a aprendizagem do aluno tais como: produções textuais, gráficos, estudo de casos, portfólios, questões dissertativas, produção de jogos lógicos, registro de experimentação científica, elaboração e aplicação de roteiros de entrevistas, produção de mapas, elaboração de diários de campo, construção de diários virtuais. (PP da escola B, 2015, p. 15).

Segundo o PP, a escola prevê um Plano Pedagógico Didático de Apoio (PPDA) onde este se dirige ao aluno que não atingiu o conceito esperado para a aprovação. Diferente da escola A, a escola B ainda proporciona aos alunos uma dependência em alguma área do conhecimento, caso o aluno não tenha adquirido o conceito necessário para que haja a aprovação, mesmo depois do PPDA este aluno é aprovado. No entanto, ele volta à escola no turno inverso para recuperar a área do conhecimento não concluída com sucesso do ano anterior. O aluno pode ficar em dependência em apenas uma área do conhecimento, seja ela linguagens, matemática ou ciências da natureza.

4. RESULTADOS SOBRE AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES E DOS ESTUDANTES

Para seguir uma ordem será apresentando no primeiro momento os resultados das entrevistas dos professores e supervisor da Escola A e as respostas dos alunos da mesma, após será apresentado os resultados da Escola B.

4.1 ESCOLA A

As entrevistas foram realizadas com uma professora do turno noturno, uma que atua nos turnos noturno e diurno e dois professores do turno da manhã. As entrevistas foram abertas com base nas questões norteadoras. Obteve-se várias respostas distintas e pode-se perceber uma grande diferença entre as professoras que atuam no turno da noite e no turno diurno.

A primeira pergunta feita às professoras do ensino médio politécnico foi em relação como acontece a avaliação e quais foram as mudanças principais que o politécnico trouxe. De modo geral, as professoras descreveram de forma semelhante o modo como é feito a avaliação, tanto no turno diurno quanto no noturno. Na avaliação, considera-se primeiramente cada disciplina, levando em conta seus instrumentos de avaliação sejam eles provas, trabalhos ou auto avaliação. PA3 comenta sobre como ela realiza a avaliação *“A avaliação é feita dia-a-dia e é muito complicado avaliar no dia-a-dia, porque tem que estar atento se aquele aluno esta na sala de aula, se ele copia os exercícios, se resolve, se esta interessado em aprender, se traz coisas de fora para a sala de aula para que o professor explique”*. Depois da primeira avaliação os professores de cada área se reúnem e conversam sobre cada aluno e fazem uma média do conceito de cada aluno, assim obtendo um conceito final por área do conhecimento.

Sobre o modo de avaliar o aluno nas suas disciplinas, as professoras relataram que possuem autonomia de fazer provas, trabalhos e qualquer outro tipo de avaliação. Segundo PA1: *“Na verdade, com o politécnico, as coisas não mudaram muito no modo de avaliação, o como avaliar, se faz prova ou trabalho. Obviamente o aluno está fazendo mais pesquisa, mais trabalhos e está sendo*

incentivado a procurar mais". Um ponto relevante a se destacar nesta pergunta é que todas as professoras relatam que o modo em que elas fazem a avaliação nas suas disciplinas não mudou e que todas possuem uma grande autonomia para realizar suas avaliações. As professoras entrevistadas relatam que para reprovar o aluno não há uma burocracia tão crítica, ao comparar com relatos de professores da escola B. O que mudou foram os conceitos (CSA, CRA e CPA) e o Seminário Integrado que é uma atividade interdisciplinar e que incentiva a pesquisa. PA1 ainda complementa esta questão em outra das suas falas: *"Ele [o ensino politécnico] tem a opção (sobre o tipo de avaliação), ele (o ensino médio) continua com autonomia (em relação ao ensino anterior). Na realidade quando lançaram este politécnico todo mundo se assustou, mas não mudou muita coisa. O que mudou é esta questão da flexibilidade e da liberdade do professor de fazer autoavaliação, isto mudou, mas aqui na escola pelo que eu vejo por mim e meus colegas não mudou muito a vida de ninguém. Continua-se fazendo os mesmos trabalhos que faziam, pois a gente sempre levou em consideração esta coisa de fazer projeto."* Sobre a importância da pesquisa Bagno (2007) relata que a ciência está sustentada pela pesquisa, seja ela da área de humana, da natureza ou do que for: "Se não houver avanço é porque não houve pesquisa – e se não houver pesquisa é porque não é ciência [...] Sem pesquisa não há ciência, muito menos tecnologia" (BAGNO 2007, p. 18), para além de geração de conhecimentos, seja científicos ou escolares. Longaray (2013, p.32) também relata que a pesquisa "permite uma leitura do mundo, de forma relacionada com a atividade produtiva, a qual esta vinculada à sociedade contemporânea, visando uma melhor compreensão do significado da ciência, cultura, arte e comunicação".

Ao perguntar sobre o que as professoras pensam do novo ensino médio politécnico em relação a avaliação, as respostas foram divergentes. PA4 relata: *"Não acho ruim o ensino médio politécnico, mas eu preferia quando era por nota, porque incentiva o aluno a estudar, porque parece que agora o aluno não busca mais ser 'o nota 10', por que tanto faz ele ser o nota 10 ou o nota 7 ele vai ter o mesmo conceito";* e PA2: *"No início a gente não entendia os nomes, assim o quer dizer CPA, CRA e CSA mais na parte da avaliação, mas eu, particularmente, a proposta em si eu adorei porque a gente quer a maioria dos professores, a gente sente a necessidade de ter um impacto na educação para produzir de verdade*

conhecimentos, de desenvolver o aluno que ele produza os seus próprios conhecimentos, orienta-lo para que ele produza os seus próprios conhecimentos. Neste aspecto eu fiquei muito feliz, mas observei que alguns colegas disseram “ah, isto não vai dar certo” outros disseram “está mal organizado, já começa pelo nome”, [...] a ideia de que a politecnia precisaria ter algo de técnico, mas aí era só uma questão, porque a iniciação à pesquisa é positiva e a gente nota a diferença”. Porciúncula (2013, p. 27) relata um comportamento parecido vivenciado na sua escola onde os professores também tiveram um comportamento semelhante ao que ocorreu na escola A, dando entender que o primeiro espanto foi geral em todas as escolas, porque de fato houve uma grande mudança em um curto período de tempo:

Segundo minhas observações e conversas informais e reuniões com os professores abordando o assunto, percebia-se rejeição por parte desses. As alegações mais fortes eram a falta de tempo para apropriação do projeto e a precariedade do espaço físico e de pessoal que se encontram nas escolas públicas estaduais. Penso que só aceitei a ideia de forma mais concreta e possível após o Seminário Regional em Porto Alegre, promovido pela SEDUC, destinado aos diretores e coordenadores pedagógicos das Coordenadorias Regionais. (PORCIÚNCULA, 2012, p. 27).

Sobre os pontos positivo e negativos de modo geral as professoras relataram que gostam deste novo ensino médio politécnico, porque trouxe mais trabalhos, mais pesquisas, porém a grande maioria das professoras relataram que não concordam com o modo que se dá a avaliação, por vários motivos. Algumas professoras relatam que a qualidade do ensino em relação à aprendizagem específica caiu bastante, porém em outros pontos como desenvoltura, conhecimentos sobre pesquisa, escrita melhorou bastante, e a grande maioria relata que o método de avaliar precisa mudar. PA3 traz em sua fala esses pontos: *“Eu acho que o politécnico, ao trabalhar com os alunos com esses projetos vivenciais, acho que é uma coisa boa em termos de desenvoltura. Nisto melhora, mas em termos de conhecimento não. O que eu vejo que esta avaliação aprova a todos, mas em termos de conhecimento específico caiu muito, muito e muito. Claro, falando da minha área [matemática], porque a gente não consegue trabalhar todos os conteúdos, a gente perdeu em números de aula, porque o aluno vendo que ele esta sendo aprovado, ele não fica muito interessado em aprender com este sistema de avaliação. A avaliação tem que ser pensada, preciso mudar”.* Nesta questão as professoras entrevistadas relatam que o conhecimento específico sobre

determinados conteúdos acabam ficando um pouco de lado com o ensino médio integrado, que os alunos ficam mais acomodados com o novo método de avaliação em que o conceito não é tão específico (de 0 a 10), pois existem três conceitos e para cada um deles temos alunos ótimos, muito bons, bons, regulares, medianos, abaixo da média e alunos ruins, porém os conceitos não classificam estes alunos. O aluno ótimo é igual ao aluno bom, segundo a nova modalidade de avaliação.

PA1 ainda comenta sobre o ensino em geral e a avaliação: *“as pessoas são diferentes, o que pode ser para mim pode não ser para ti e a gente trabalha com gente. Tem pessoas que a competitividade é boa, faz com que o aluno corra atrás, para outros não, por exemplo, vamos se colocar no lugar do aluno: não te desmotiva saber que tu virou a madrugada fazendo um trabalho, estudando para uma prova, fazendo um exercício e aí de repente tu não conseguiu chegar lá no coisa [CSA] e tirou o teu misero CPA. Aí aquele aluno que não está nem aí, sabe? Por uma certa facilidade que ele tenha ou uma facilidade, e que tu sabe que ele não está nem aí para a escola e o objetivo dele não é estudar, ele tirou CPA também. Isso desmotiva o aluno, claro que este é um exemplo bobo, e é a minha opinião e a opinião dos alunos que eu venho conversando desde a época que começou esta questão do politécnico. Eu concordo com tudo no politécnico, menos com a questão da avaliação. Acho que a avaliação tem que ser trabalhada melhor, só isso. Não precisa voltar a ser nota, mas tem que ser coisas diferentes, tem que ter uma maneira diferente de fazer isto.”*

Posteriormente, ao analisar as respostas dos estudantes, na questão 2, ao questioná-los sobre como funciona o Seminário Integrado (SI), se gostam desta disciplina, a Figura 07 apresenta estes resultados na forma de porcentagem de cada resposta. Nesta questão foram agrupados respostas de alunos tanto do turno da manhã quanto do turno noturno, totalizando 78 alunos.



FIGURA 7: VOCÊ GOSTA DO MODO EM QUE É AVALIADO NA DISCIPLINA DE SI?

A maior porcentagem de respostas dos alunos se refere àqueles que não gostam do Seminário Integrado, referente a 36% das respostas coletadas (28 alunos). Seguem algumas respostas: AA65: *“Não porque é muito difícil tem que fazer bastante esforço para poder fazer as avaliações”*, AA59: *“Não, porque sou dispensado das aulas a tarde e eu fico com um tema muito ruim e que eu não gostaria de trabalhar fora o trabalho que envolve toda a turma ou seja as professoras de seminários são muito injustas quanto a esta questão”*. Os escritos reportam para a desaprovação para a forma de avaliação. No entanto, 16% dos alunos relataram que gostam ou gostam parcialmente do Seminário Integrado e como é feito a avaliação do mesmo, como se observa na resposta de AA76: *“Elaboramos os trabalhos e apresentamos. É bom o seminário porque nos prepara mais para a faculdade e a avaliação é por desempenho dos alunos”*.

Os alunos que não gostam do Seminário Integrado apontam o fato de ter que vir no turno inverso, não entenderem a proposta, acharem desnecessário, etc., porém uma parcela dos sujeitos analisados relata que gosta e que acha importante para o seu crescimento, que o SI possibilita um conhecimento de áreas que talvez sem ele (o SI) não teriam esta possibilidade. Esta contradição de opiniões, pelas observações feitas na escola, acontecem por diferentes grupos, por terem diferentes

envolvimento com o SI, até pelo fato de que muitos alunos não comparecem no SI pelo motivo que trabalham ou fazem algum curso complementar, para esses alunos, de fato, o SI fica um pouco vago e a resposta dada a pergunta precisa ser analisada com nova investigação que não cabe nesta pesquisa.

Na mesma questão, os 22 alunos do turno noturno relataram que já tiveram Seminário Integrado (SI), porém esta componente curricular foi extinta, assim muitos alunos omitiram sua resposta ou justificaram que não tiveram SI.

Ao serem questionados sobre como são avaliados no SI (Questão 3, Figura 08), os alunos do turno da noite, não responderam pelo motivo que eles este ano não tem SI. Os alunos do turno da manhã (27 alunos, 35%) responderam que são avaliados por conceitos (CSA, CPA e CRA), e 40% dos alunos (31 respostas) falaram que a avaliação acontece através de provas e trabalhos, porém uma porcentagem mediana de 15% (12 alunos) respondeu que além de provas e trabalhos os professores levam em consideração a participação em aula, a frequência e o comprometimento com os estudos. A variação de respostas coletadas, talvez tenha se dado exatamente pela variação existente de instrumentos de avaliação na escola, já que segundo a supervisora da escola S1 os professores devem, fazer no mínimo, 2 avaliação, assim diversificando os métodos de avaliação.

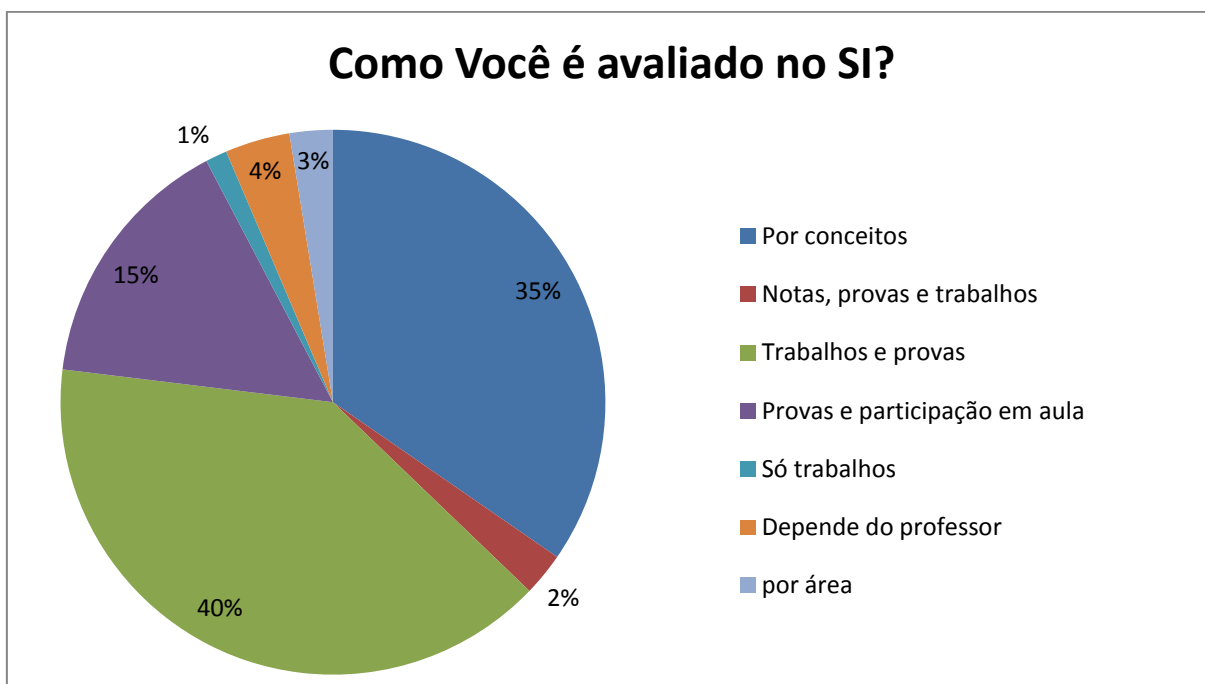


FIGURA 8. COMO VOCÊ É AVALIADO NO SEMINÁRIO INTEGRADO?

Para organizar os resultados da questão 4 (Você concorda com o modo em

que é avaliado? Quais os pontos positivos e os negativos da avaliação que é desenvolvida na sua escola?), ela foi dividida em três partes: 4a, onde questiona sobre se os alunos concordam com o modo em que são avaliados; 4b, questiona os alunos sobre os pontos positivos da avaliação; e 4c os pontos negativos da avaliação.

A primeira parte (4a) é referente se os estudantes concordarem com o modo em que são avaliados na escola. Nesta questão houve uma grande divergência entre as respostas dos alunos noturnos e alunos diurno, no gráfico (Figura 09) está expressa a diferença, onde no ciclo do centro estão as respostas dos alunos noturnos e no ciclo externo encontra as respostas dos estudantes do turno matutino.

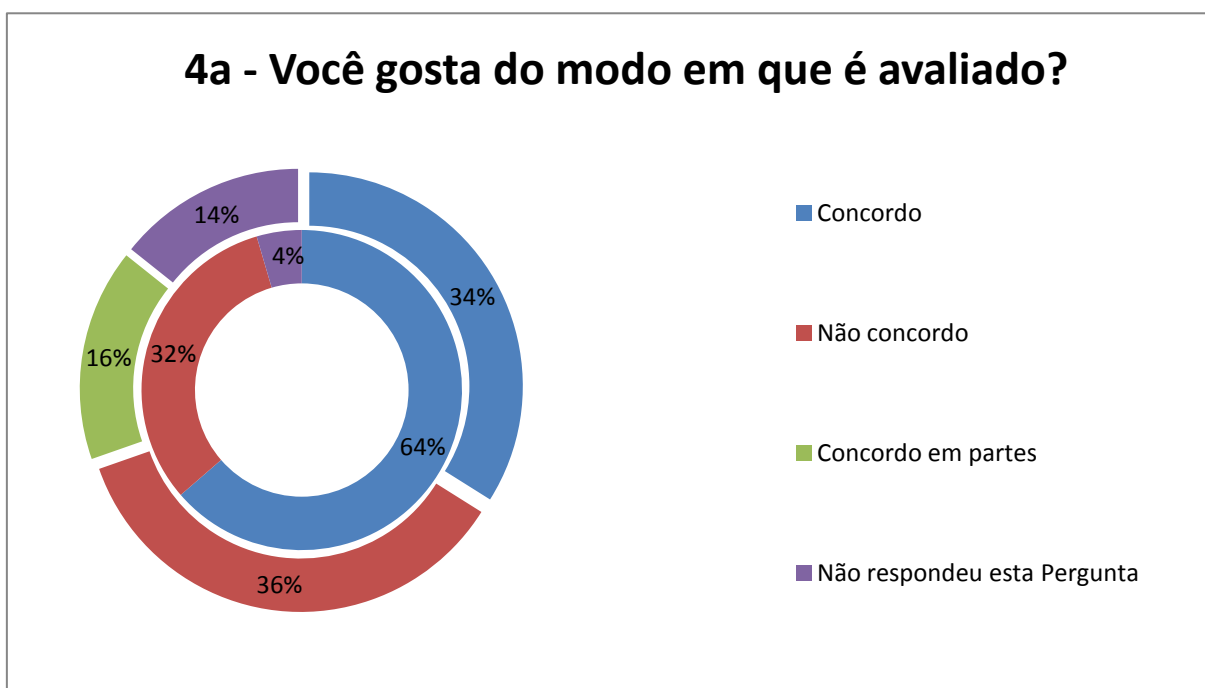


FIGURA 9. VOCÊ CONCORDA COM O MODO EM QUE É AVALIADO?

Podemos observar que no turno da noite mais de 60% dos alunos concordam com o modo em que são avaliados na escola, no âmbito do ensino politécnico, a exemplo da resposta de AA25: “*Concorde, é avaliado pelas provas e também o comportamento do aluno, como comprometimento e participação*”, porém ainda existem 32% dos alunos noturno que não gostam do modo que são avaliados, AA10 expressa a sua resposta negativa sobre a avaliação: “*Não concordo, no sistema de notas tradicional era mais simples até mesmo para aprovar nas matérias. E uma*

peessoa que tira 9 e outra que gabarita uma prova, tem o mesmo conceito.”.

No turno da manhã 34% dos alunos concordam com o modo com que são avaliados, como expressou AA83 que representa as respostas positivas dos estudantes do turno matutino: *“Eu concordo, pois não é somente certo avaliar o aluno pela sua nota e sim de acordo com a sua competência”*. Nas respostas dos alunos do turno matutino também houveram 16% das respostas que remetiam para a compreensão de que concordavam parcialmente com a avaliação desenvolvida, como AA64: *“As vezes sim, positivo pois apareceu atividades como teatro que é algo diferente e negativo pois a forma de avaliação dos alunos que não vem a tarde é desigual ao dos que podem vir”*. No entanto, houve um considerável número de alunos do turno matutino com respostas negativas (36%) ao relatarem que não gostam do modo em que são avaliados. A maioria justificou que acha injusto o modo com que são avaliados, mas que gosta do modo de como é feito a avaliação, do método utilizado, acham vagos os conceitos e que não possui nenhuma classificação mais específica que diferencia o aluno 10 do aluno 6, a exemplo da resposta de AA33 que remete a essa compreensão: *“Não, pois acaba sendo injusto, não há uma diferença entre quem passa em cima do muro e que passa com notas boas”*.

Na letra b da pergunta 4 (4b), foi questionado aos estudantes quais os pontos positivos da avaliação desenvolvida no Ensino Médio Politécnico (Figura 10). Pode-se observar respostas bem diversificadas, tanto no turno da noite quanto diurno. Para uma melhor apresentação de resultados foi feito um gráfico circular de rosca, onde no centro interno estão as respostas dos estudantes do turno da noite e na parte externa do gráfico estão as respostas do turno da manhã.

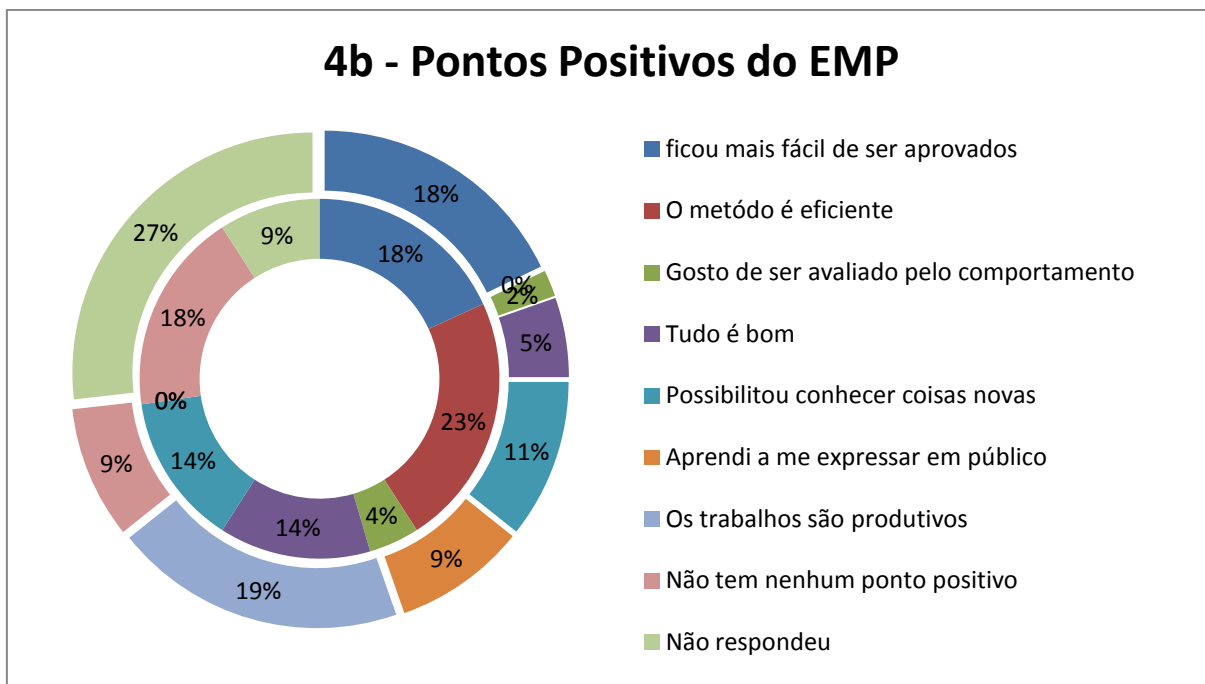


FIGURA 10. PONTOS POSITIVOS DA AVALIAÇÃO DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

No turno diurno, 19% dos alunos relataram que gostam da avaliação do ensino médio politécnico (11 respostas) ao justificar que possibilita a execução de trabalhos produtivos, a exemplo: AA2 “*Concordo, mas acho que poderíamos fazer mais trabalhos e menos provas, pois trabalhos nós vamos pesquisar e vamos aprender mais, provas não porque só vamos estudar para a prova e logo já esquecemos*” e AA1: “*Eu concordo, na minha opinião poderia ter mais trabalhos, mais experiências. E poderia ser por notas ao invés de conceitos*”. 11% dos alunos falaram que concordam com o método que são avaliados, pois possibilita conhecer coisas novas, temas diferentes. Alguns alunos (9%) relataram que um ponto positivo desta mudança é a aprendizagem em relação ao se expressar em público e a apresentar trabalho, além de conhecer coisas novas e assuntos diferentes.

Porém 9% dos alunos (5 respostas, dos 56 questionários) do turno matutino relataram que não gostam do ensino médio politécnico, escrevendo que tudo no ensino politécnico é ruim e este novo ensino médio não possui nenhum ponto positivo, a exemplo de AA67: “*Não, pra mim não existe pontos positivos, negativos é que existe um sistema mais fácil e menos rígido do qual existia e era exigido dos alunos*”, 18% dos alunos do turno matutino relataram que o ponto positivo foi que o novo sistema é mais fácil de ser aprovado: “*Sim, os pontos positivos é que da mais*

oportunidades de passar” (AA68).

Para os alunos do noturno (Figura 10, círculo interno), 23% dos alunos relataram que o método é eficiente, como AA13: “*Eu acho bom, pois não tem mais pontos e é bem mais eficiente não faltar notas para passar e não pontos*” e 18% escreveram que não tem nenhum ponto negativo: “*Claro, concordo, pela minha opinião não existe ponto negativo e positivos são todos*” (AA20), “*Sim, O ponto positivo é que aprendemos mais e ponto negativo não tem*” (AA27). Já 14% das respostas falam que os pontos positivos do ensino médio politécnico é que possibilitou conhecer temas e atividades diferentes, outros 14% relataram que tudo no ensino médio politécnico é bom, discordando com outros alunos que dizem que não há nenhum ponto negativo (18%).

Na questão 4c que questiona os estudantes sobre os pontos negativos do ensino médio politécnico, no gráfico (Figura 11), o círculo externo representa as respostas dos alunos do turno da manhã enquanto o círculo interno representa as respostas dos alunos do noturno.

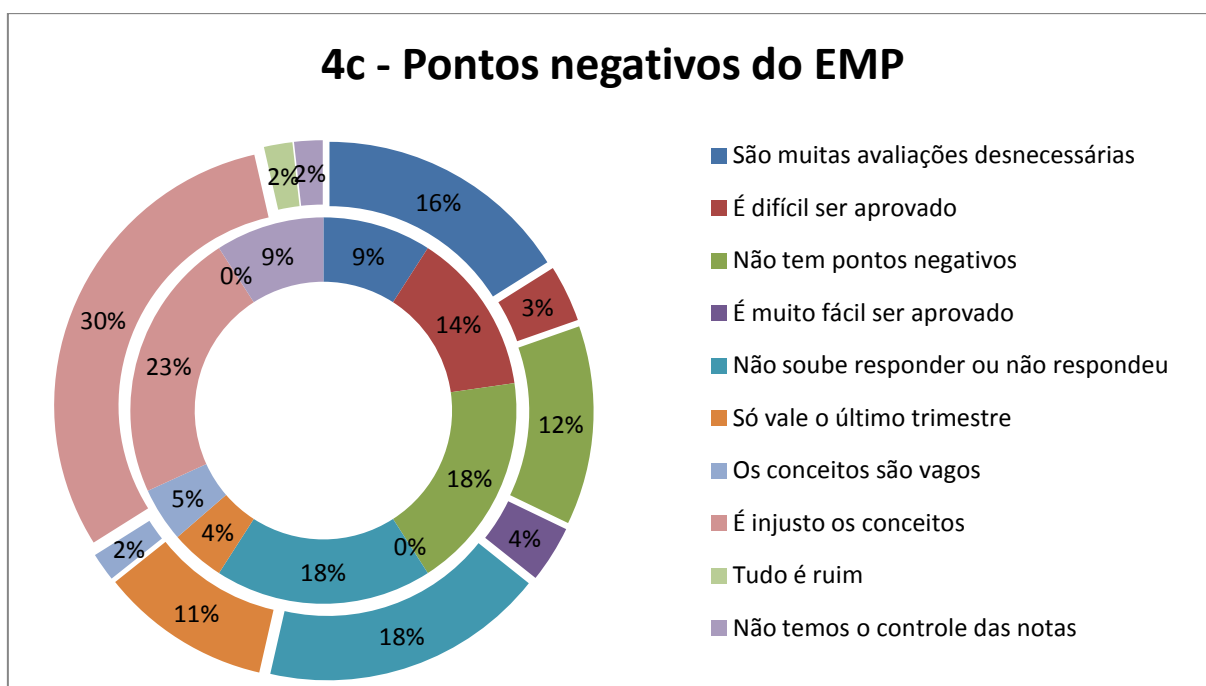


FIGURA 11. QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS DA AVALIAÇÃO DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO?

Sobre os pontos negativos, questão 4c, no turno matutino, 17 alunos (30% das respostas totais) responderam que não concordam com a forma com que são

avaliados porque é injusto, os conceitos não são específicos e não diferencia os alunos: *“Não acho justo a forma dos conceitos, não concordo, um dos maiores problemas é quem tira 6 por exemplo é conceituado da mesma forma de quem tira um 10”* (AA86). Enquanto que 12% das respostas relataram que não têm nenhum ponto negativo, que gostam da proposta e está bom assim: *“Sim, porque os pontos positivos é que tem avaliações bem legais e outras e negativos não tem.”* (AA65). Também no turno matutino 18% dos alunos relataram que os conceitos são vagos, não possibilitando um acompanhamento exato de suas aprendizagens e 16% dos alunos escreveram não aprovar o excesso de avaliações que os professores realizam.

No turno da noite (círculo interno), 18%, o que equivale a 4 respostas relataram que a avaliação não tem nenhum ponto negativo e que tudo é bom, a exemplo de AA28: *“Pra mim não tem ponto negativo, sempre fui avaliada desta forma. Não vejo problemas”* e 18% escreveram que não gostavam da avaliação porque é mais difícil de ser aprovado e que os conceitos são vagos, assim se tornando injusto a forma de não diferenciar o aluno muito bom do aluno bom. Ainda, de modo semelhante, 23% dos alunos do turno noturno (5 respostas) relatam que os conceitos são injustos e que preferem as notas.

Na questão 5 onde perguntava como os alunos gostariam de serem avaliados, as respostas entre os turnos quase não se diferenciaram. Nesta questão será apresentado os dados agrupados dos dois turnos, como mostra o gráfico abaixo (Figura 12).

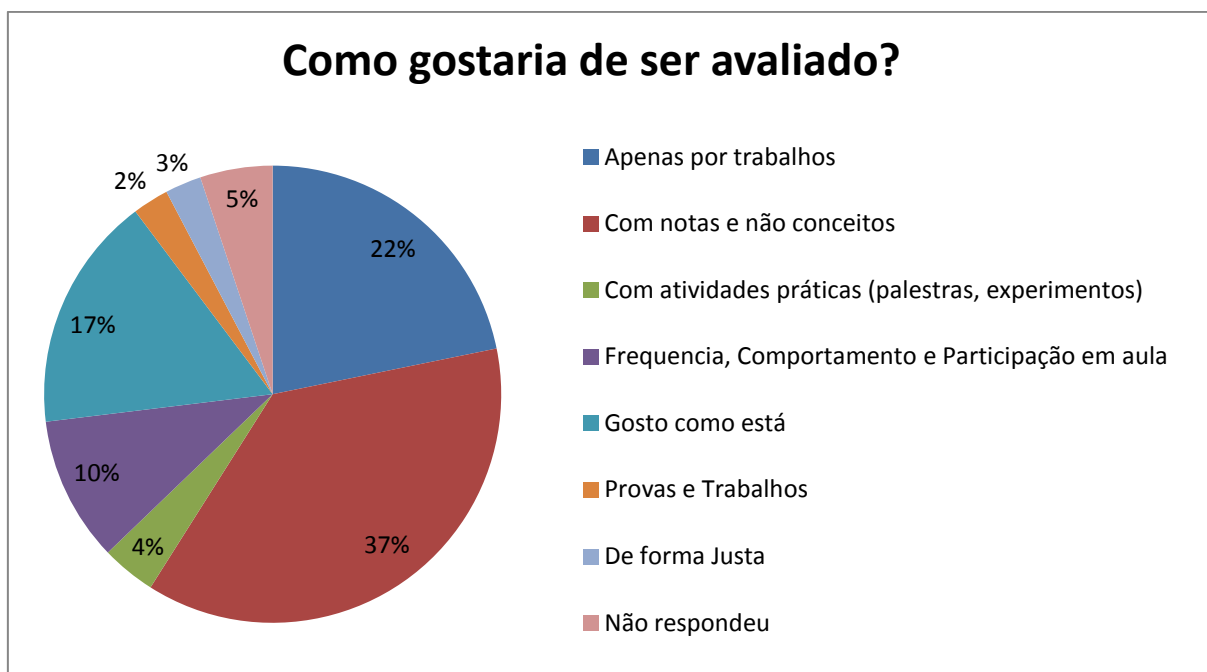


FIGURA 12. COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER AVALIADO?

Nesta questão que questiona os estudantes sobre como eles gostariam de ser avaliados, 37% dos alunos relataram que gostariam que voltasse o sistema anterior de notas, as respostas foram em relação a avaliação e não em relação ao ensino médio politécnico como um todo. 22% gostariam que fossem avaliados apenas por trabalhos coletivos ou individuais, mas que não tivessem provas, e 17% disseram que gostam do modo como está. Percebe-se um número considerável de alunos que prefere o sistema antigo de notas, como ferramenta de avaliação, em geral, eles justificam dizendo que acham que os conceitos não classificam como deveriam, o estudante que gabarita prova recebe o mesmo conceito do aluno mais mediano e que acerta 70% da prova, para os alunos isto é injusto e deveria mudar, porém quanto às metodologias de avaliação parece haver boa recepção à avaliação formativa que contempla trabalhos e provas, mas se percebe um descontentamento no fato da avaliação ser por conceito e não por notas.

Na questão 6, onde questiona os alunos sobre a manifestação ocorrida em agosto de 2013, a grande maioria (63%, 45 respostas) escreveu que não lembra, não soube da manifestação, e os que lembraram dizem não ter participado e por isso não informou o que aconteceu, porém um pequeno percentual, 2% das respostas falaram que foram resenatar a escola, mas que “*não deu em nada*”, não

foram ouvidos e que a manifestação foi pacífica.

4.2 ESCOLA B

No primeiro momento serão apresentados os resultados que se referem à entrevista com os professores da escola pública, após serão apresentadas as respostas ao questionário que foi aplicado aos alunos da escola (n=56), como já foi explicitado na metodologia, onde o público inicial era mais expressivo de alunos, porém alguns alunos negaram a responder o questionário, tendo este número reduzido à 56. Foram questionados 3 turmas (das 4 turmas) do turno diurno do ensino médio politécnico.

Após a entrevista feita aos professores, consegui notar certa unanimidade nas respostas. Como a entrevista foi feita de forma aberta fui surpreendida várias vezes pelas questões que foram surgindo ao longo da mesma, inviabilizando o questionamento sobre todas as questões do roteiro pré-estruturado, tendo em vista o pouco tempo disponível para realizar a entrevista, afinal os professores não puderam ficar após o intervalo. Acredito que isto se deu pelo fato da entrevista ser realizada como uma conversa informal sobre a reestruturação do ensino politécnico, e ao fato dos professores se empolgarem em suas percepções sobre a proposta.

Na primeira pergunta, sobre como foi a implementação do ensino politécnico, uma das repostas que representa a opinião dos professores pode ser apresentada pela fala de PB1: *“Este ano (2014) é o terceiro ano que estamos trabalhando com o ensino politécnico, e este ensino foi imposto pelo governo”*. Ainda que houvesse essa imposição, os professores falam sobre a participação e orientação do governo pois também contou com reuniões antes do ensino politécnico ser implementado, porém a grande maioria votou contra esta reestruturação do ensino médio em Pelotas, pelo fato de muitas escolas não terem estruturas para ser aplicado de uma forma mais eficiente. Segundo PB1: *“os professores não tinham nenhum tipo de preparação inicial para trabalhar com este novo ensino que de certa forma era desafiador para muitos professores”*. Entre os professores da escola, ambos ressaltam não terem tido formação para trabalhar com a nova proposta de ensino, ainda que tivessem reuniões para saber a opinião dos professores para saber sobre

a sua implementação.

Na segunda questão sobre o modo que a avaliação acontece na escola, PB3 relatou que eles são orientados a fazer, no mínimo, dois tipos distintos de avaliação, sendo assim muito professores fazem trabalhos e provas para avaliar seus alunos. Esta avaliação é feita por conceitos, sendo CSA, CPA e CRA. Esta exigência de ter, obrigatoriamente, que ser feito mais de um tipo de avaliação pode comprometer a autonomia do professor na sala de aula. Segundo Freire (1996, p.37), “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.”, questões essas que são centrais e devem ser consideradas no ato de avaliar.

Ao questionar sobre a autonomia dos professores no tema avaliação, PB2 relatou que o professor ainda tem autonomia de avaliar os alunos e que isto não é uma coisa ruim, pois se o aluno tem dificuldade ao fazer a prova, ele tem a oportunidade de mostrar que aprendeu fazendo um trabalho, mas o problema é o número elevado de avaliação de recuperação: “*São feitas recuperações das provas ou trabalhos, após isto é feito o PPDA, que é outra avaliação, porém com mais conteúdo (P2)*”. O PB4 e o PB5 relataram sobre o número de oportunidades que o aluno tem de passar, e que estas fazem com que os mesmos não estudem tanto para as avaliações, esta mudança de postura é um ponto negativo da avaliação do ensino técnico: “*A qualidade no ensino caiu, ainda que haja mais número de alunos aprovados, isto se reflete no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), onde muitos alunos não passaram*” (PB5). Segundo Leite (2014, p. 425), o conceito de qualidade no ensino é muitas vezes associado ao índice de aprovação escolar, porém, segundo a fala de PB5, há um descontentamento com a qualidade do ensino, observou-se que há uma ambiguidade na resposta de PB5, pois há uma maior aprovação do ensino, porém um descontentamento com a qualidade do mesmo e resultado mais negativo na avaliação do ENEM.

Em termos de pontos negativos e positivos PB3 relatou que a proposta é boa, porém ela não funciona pelo fato que a escola não tem infraestrutura, falta recursos para professores, a escola não tem internet para desenvolver alguns trabalhos que eram necessário. PB4 se posicionou de modo positivo em relação ao ensino

politécnico: *“este ensino permite que o aluno aprenda mais sobre o mundo em que está inserido. É um projeto bom [...], porém em termos de interdisciplinaridade isto não acontece, porque se torna inviável ter reuniões e conversas entre as áreas.”*.

Quando perguntado sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores, PB1, PB2, PB3 relataram de forma unânime que o ensino médio tem muita burocracia, muito preenchimento de papéis: *“se o aluno roda temos que explicar e justificar o fato deste aluno ter rodado. É mais fácil aprová-lo”* (PB1). Essa burocracia talvez seja importante para comprovar que o aluno realmente não atingiu os objetivos propostos pelo ensino médio politécnico, no entanto a burocracia pode estar contribuindo com a diminuição do índice de reprovação.

Com a entrevista, pode-se notar respostas divergentes, mas entre os entrevistados a maioria dos professores pareceram não ter aprovado o modo como é realizada a avaliação, porém eles dizem gostar da reestruturação do ensino médio, e isto pode ser representado pela fala de PB3: *“É uma boa proposta, porém não estávamos preparados para receber este novo ensino, não temos infraestrutura, nem preparação aos professores”*. Já PB5 fala sobre a avaliação, completando a fala de PB3: *“Com esta avaliação parece que os alunos não estudam mais, muitos trabalhos são apenas recortes da internet. Não há mais uma reflexão”*. As respostas dos professores, apesar de breves e ao limitado número de professores que participaram da pesquisa, denotam aceitar parcialmente a implementação da proposta, onde a avaliação pela sua flexibilidade prejudica os alunos, segundo a fala de PB5, relatado acima. Através da entrevista, pode-se perceber certa rejeição em relação à avaliação, como aos resultados do encaminhamento das atividades de pesquisa que são solicitados aos estudantes, no entanto, não são percebidas rejeições explícitas para a proposta teórica do ensino médio politécnico.

Nos questionários realizados aos alunos, um ponto importante a ser ressaltado aqui é que alguns alunos se negaram a responder o questionário e muitos estavam preocupados em saber quem iria ler o questionário. Mesmo explicando que a identidade dos mesmos iria ser preservada, surgiram muitas perguntas, como: *“Professora, posso responder a verdade?”*, *“Quem vai ler o questionário?”*, *“A escola vai ler?”*, *“Tenho a opção de não responder este questionário?”*. Do total de alunos, 8 alunos se negaram a responder e os mesmos

não estão dentro do n=56 e não tenho nenhuma hipótese sobre está negativa inicial dos alunos. As perguntas (1 e 3) todos alunos responderam de forma unânime, que o SI (Seminário Integrado) é desenvolvido na escola em turno inverso e é feito através de trabalhos. A avaliação é feita através de conceitos (CSA, CRA, CPA) e eles são avaliados através de provas e trabalhos, o que está em sintonia com os relatos dos professores.

No questionário dos alunos, na segunda questão, observaram-se diferentes respostas, como se pode analisar no gráfico a seguir (Figura 13).



FIGURA 13: VOCÊ GOSTA DE SEMINÁRIO INTEGRADO?

Nesta questão, pode-se observar que 20% dos alunos responderam que não gostam da disciplina, destes alunos que responderam que não gostam, 13% dos estudantes em questão falou apenas que não gostam, 7% falou que não é relevante para eles a disciplina de SI. 9% dos alunos responderam que não gostam de ir no turno inverso ou dizendo que não gostam do SI, pelo fato de precisar ir á escola no turno inverso. No entanto, também houveram respostas positivas, com alunos que responderam que gostam muito de SI (21%), 11% gostam mais ou menos, e 7% responderam que não gostam do modo em que são avaliados, apesar de gostarem da disciplina do ensino politécnico. Obteve-se 32% dos estudantes que não responderam a questão ou não responderam o solicitado na pergunta.

A pergunta 4 que questiona os estudantes se eles concordam com o modo em que são avaliados (Figura 14) esclarece alguns pontos sobre a avaliação, um dos aspetos ressaltados pelos alunos na pergunta anterior:

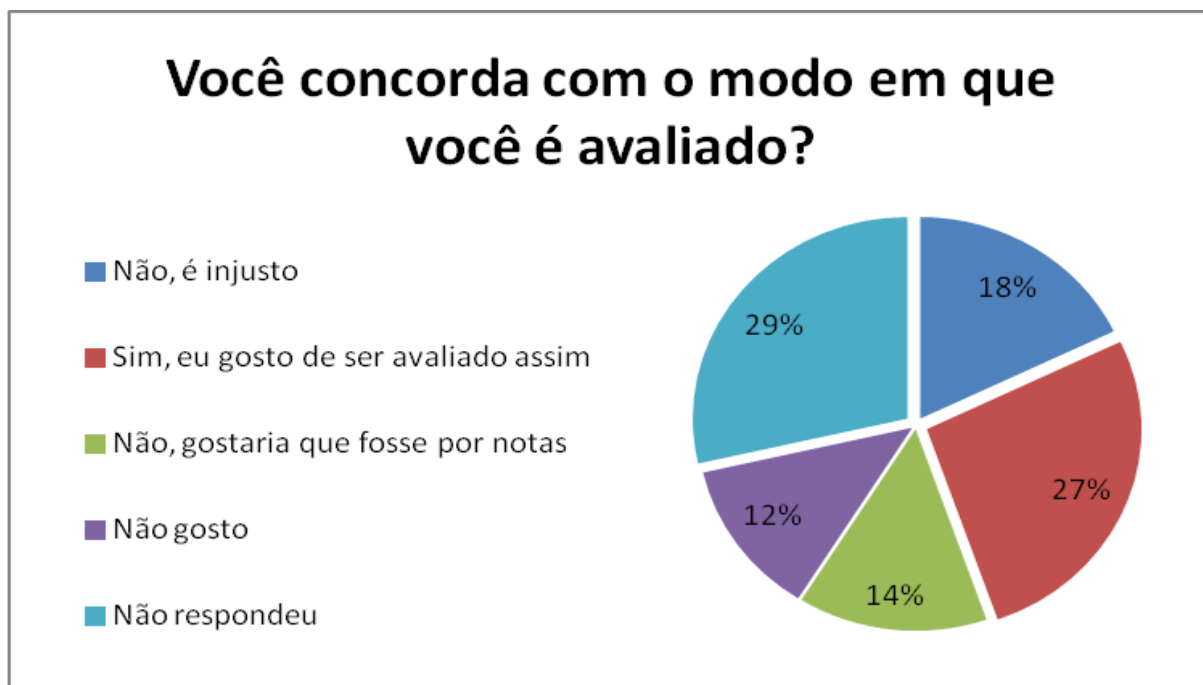


FIGURA 14: VOCÊ CONCORDA O MODO EM QUE VOCÊ É AVALIADO?

Da totalidade, 18% dos alunos responderam que a avaliação do modo em que é feita é injusta, porque o aluno que acerta todas as questões da prova ganha o mesmo conceito do colega que acertou 60% das questões. Esta desmotivação pôde ser observada pela resposta do AB11: *“Não gosto da maneira que as avaliações são feitas, porque, facilitam que o aluno passe de ano, porém não agregam no desenvolvimento do conhecimento. Os conceitos desmerecem o desempenho do aluno, já que CSA³ é só passar – entre 7 e 10 é CPA⁴ e CRA⁵ é rodar”*, 14% dos alunos responderam que gostariam que a avaliação voltasse a ser por notas, pois assim eles poderiam acompanhar o seu desenvolvimento de forma mais precisa, porém 27% dos alunos falaram que gostam de ser avaliados por conceitos, como a resposta de AB27: *“Para mim esta bem, eles dão bastante chances”*.

Observa-se uma divisão significativa de opiniões, muitos alunos acham que a

³CSA – Construção Satisfatória da Aprendizagem

⁴CPA – Construção Parcial da Aprendizagem

⁵CRA – Construção Restrito da Aprendizagem

avaliação é injusta e gostariam que fosse realizada a avaliação por notas, como era no antigo ensino médio. Muitos alunos falaram em suas respostas que a avaliação desestimula a competição, fazendo com que eles não se importem mais em tirar notas boas, até porque no boletim escolar o que fica é o conceito.

Quando questionados sobre o modo que os alunos gostariam que fossem avaliados (Figura 15), 5% dos alunos respondeu que está bom assim e que gostam do modo em que são avaliados (Figura 15).

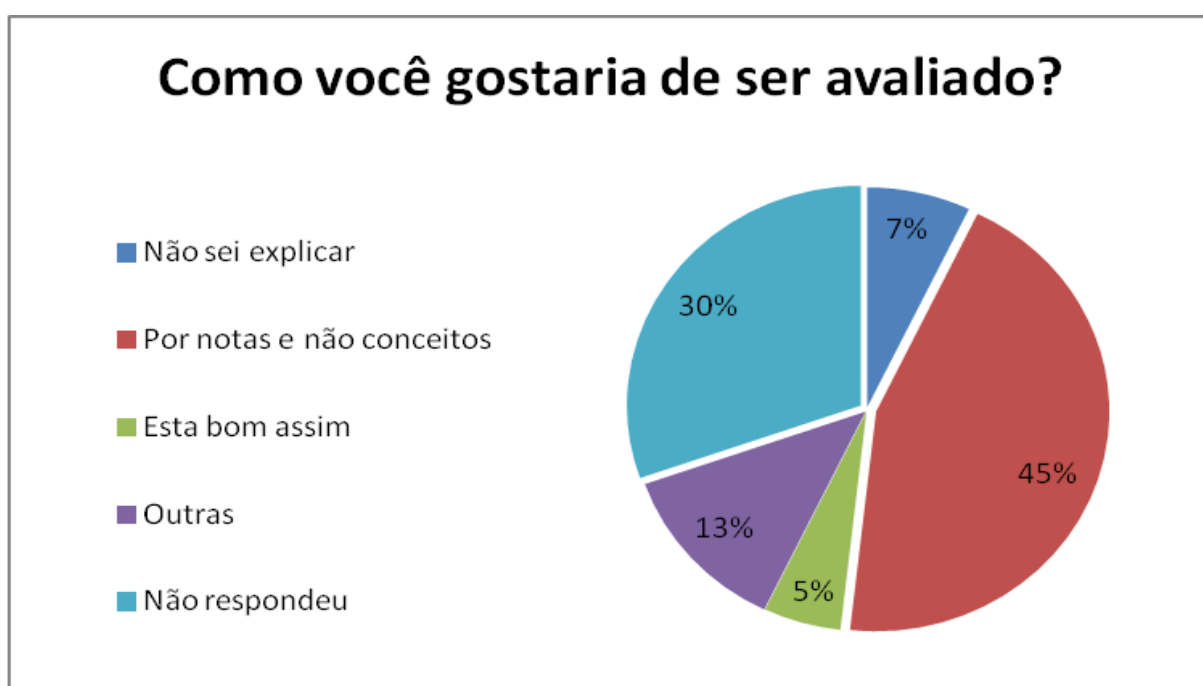


FIGURA 15: COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER AVALIADO?

45% dos alunos afirmou que gostaria que fosse avaliado por notas e não mais por conceitos (CSA, CPA, CRA), as respostas dos alunos é representa por AB50: *“Do modo que esta, tá bom, mas poderia voltar as notas como era antes e eliminar esses conceitos”*. Obteve-se 7% que não sabiam explicar e 13% de respostas que não foram agrupados pela diversidade de respostas, como: *“Gostaria de ser avaliado só com trabalhos individuais”* (AB61), *“Com mais tempo”* (AB32), *“Que quando fosse CPA, a gente pudesse passar também”* (AB5), e *“De forma justa, nem sempre os professores são justo”* (AB43) e 30% não respondeu a pergunta ou a resposta não condizia com o que estava sendo perguntado.

Na questão 06 (Figura 16), onde foi questionado sobre a manifestação feita no ano de 2013, a maior porcentagem de alunos relataram que não participaram e

que não sabiam responder.



FIGURA 16: SUA ESCOLA PARTICIPOU DA MANIFESTAÇÃO QUE HOVE EM 2013? FORAM OUVIDOS?

20% dos alunos relataram que a escola não participou da manifestação contra o ensino politécnico, 7% relataram que houve a manifestação, porém os alunos não participaram, 5% relataram que participaram na manifestação, mas não perceberam resultados até então, a exemplo da fala de AB54: *“Sim participaram, porém não foi efetivo e não houve mudanças no ensino e nos métodos de avaliação”*.

Ao analisar todas as perguntas realizadas aos alunos, percebe-se que houveram respostas bem divididas, muitos alunos gostam do ensino médio politécnico, gostam da ideia de ser avaliado com provas e trabalhos, porém um grande número de alunos está descontente com a avaliação que realizado por conceitos, pois consideram ela injusta pelo fato dos conceitos não serem específicos, assim não diferenciando o aluno excelente, do aluno médio.

Esteban (2009, p. 2) fala sobre a ausência de avaliação, fazendo questionamentos que reforçam a necessidade da mesma para estimular os alunos a estudar.

Por outro lado, sem a prova, o que obrigaria os alunos e alunas a estudar? Sem os prêmios e castigos, com seus mil apelidos e disfarces, como garantir a disciplina? Sem instrumentos de avaliação, como garantir que os conteúdos mínimos estão sendo aprendidos, como identificar quem sabe e quem não sabe, atendendo à função de credenciamento assumida pela escola? É. Talvez a avaliação seja um "mal necessário"... (ESTEBAN, 2009, p.2).

No entanto, percebe-se que os diferentes modos de avaliação não são suficientes para estimular o estudo, as notas são apontadas como necessárias por muitos alunos que não se satisfazem com a menção de um conceito ou um parecer sobre a aprendizagem. O que se percebe pelas respostas dos alunos é que muitos relataram que é injusto acertar mais questões na prova ou ir melhor nos trabalhos e no final ficar com o mesmo conceito dos colegas que não foram tão bem. Concordo com a autora, acreditando que a competição estimula de certa forma os estudantes estudarem e, por isso, finalizo com uma citação da autora.

Pensando bem, será que todos os estudantes achariam justo que não houvesse algum tipo de reconhecimento do mérito daqueles mais inteligentes, mais esforçados, mais estudiosos? Todos ficariam satisfeitos com a ausência de hierarquia que marcasse a diferença, conferindo status a uns e rotulando outros de menos inteligentes, menos esforçados, menos estudiosos? Olhando por este prisma, talvez alguns sorrisos ficassem amarelados, a resposta fosse menos rápida e contundente. [...] Por outro lado, sem a prova, o que obrigaria os alunos e alunas a estudar? Sem os prêmios e castigos, com seus mil apelidos e disfarces, como garantir a disciplina? Sem instrumentos de avaliação, como garantir que os conteúdos mínimos estão sendo aprendidos, como identificar quem sabe e quem não sabe, atendendo à função de credenciamento assumida pela escola? É. Talvez a avaliação seja um "mal necessário". Conclusão com que também concordariam muitos(as) pais e mães (ou responsáveis), seja por um argumento ou por outro. (ESTEBAN, 2009, p. 2).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados nesta pesquisa, ainda que a mesma apresente limitações de representatividade do número de escolas, de professores e de estudantes, pode-se perceber alguns elementos sobre a boa recepção da proposta do ensino politécnico pelos professores, assim como os descontentamentos que circundam a implementação da proposta e a avaliação que perpassa a mesma, o que demanda novas leituras e investigações por parte da pesquisa que foi iniciada no âmbito de um componente curricular da graduação.

O objetivo inicial foi analisar as percepções de professores e estudantes sobre a avaliação desenvolvida no ensino médio politécnico no contexto de duas escolas públicas da cidade de Pelotas, com vistas a identificar problemas que os professores da escola pública estão encontrando ao realizar suas atividades de avaliação dos alunos. Ao finalizar a entrevista com os professores e o questionário com os alunos, pode-se observar que não há um descontentamento com o ensino politécnico em si, como se pensava inicialmente, porém a reestruturação veio com coisas novas e que necessitaram se concretizar em um curto tempo, onde escolas (e seus professores) não estavam preparados, as escolas não tinha infraestrutura e os professores não foram orientados, por exemplo, sobre como realizar o SI, assim como a avaliação por conceitos. A avaliação por conceitos não está agradando a maioria dos professores e dos alunos que fizeram parte da pesquisa e isto ficou claro ao analisar as respostas de ambos. Houve uma sintonia considerável nas respostas entre alunos e professores que sugeriram que os sistemas de avaliação voltassem a ser como antes, por notas. Também nos cabe perguntar se realmente está havendo uma aprendizagem com qualidade, muitos alunos são aprovados, porém há altos indícios de que a aprovação não significa maior qualidade na formação dos alunos.

Por fim concluo com a fala de Coeli et al. (2013, p. 39):

vivemos novos tempos em educação, que demandam novas práticas. Ainda que devemos reconhecer os limites, pois como nos diz Perrenoud: “Não há tempo de mudança significativa que não se tenha ancorado em uma visão bastante realista das restrições e das contradições do sistema educativo” (1999, p.11). Para inovar a escola, temos de superar a inércia e o desperdício da reflexão e dar o curso a um novo paradigma no cotidiano do nosso trabalho.

Considero que esta pesquisa foi de suma importância para a minha formação, ouvindo os relatos dos professores das escolas em que realizei o Estágio Supervisionado II e Estágio Supervisionado III. Tive a percepção de que havia problemas no ensino politécnico, porém não conseguia compreender quais eram, afinal, se os dados estatísticos do estado do Rio Grande do Sul mostram um grande aumento positivo nos índices de abandono escolar e de aprovação, por que houve a manifestação no ano de 2013? e por que muitos professores ainda reclamavam desta reestruturação? Na busca de respostas, compreendi que um dos principais problemas é associada com a avaliação, como se percebeu ao analisar as entrevistas com as supervisoras e professores da escola, e os questionários com os alunos, pois se percebe que a avaliação por conceitos acaba por desestimular o estudo por parte de muitos estudantes, que há uma percepção por muitos estudantes e alguns professores de que está sendo mais fácil de ser aprovado no ensino médio. No meu ponto de vista isto é um problema a ser superado de modo que se propicie uma melhor qualidade no ensino e na aprendizagem.

Entendo que o ensino politécnico é um ensino que veio para melhorar e quebrar paradigmas na educação e depois desta pesquisa acredito que é necessário repensar a avaliação que é feito nas escolas públicas, em busca de uma melhoria na qualidade da formação dos alunos, para além de reflexos positivos nos índices de evasão e reprovação escolar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, C.; O Ensino Politécnico no Ensino Médio: Algumas Contribuições. Anais... salão do conhecimento, Ijuí: UNIJUI, 2013.
- BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola: O que é como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- COELI. A. B de M; COSTA. J. M da; SANTOS. A. I. C. dos; MIRANDA. S. A. *Reestruturação do Ensino Médio e Avaliação Emancipatória*. Cirandar, editora OIKOS, 2013.
- CUNHA, S.; LOMBARDI, S. L; CISZEWSKI, W. S. *Reflexões acerca da formação musical de professores generalistas a partir dos princípios: “os quatro pilares da educação” e “educação ao longo de toda a vida”*. Nordic Journal Of Psychiatry: ABEM, Porto Alegre, v. 22, n. 5, p.41-48, 1 set. 2009. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista22/revista22_artigo4.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. PERNAMBUCO, M. M. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. 3 ed, São Paulo: Cortez, 2009.
- ESTEBAN, M. T. *Reflexões Sobre Avaliação E Fracasso Escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.
- Diário Popular 2013, Pelotas, acessado em 18 de outubro de 2014. <http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=NzMwMDU=&id_area=OA>
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- GALLO, S. *As Múltiplas Dimensões Do Aprender*. Anais...Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo. FE – Unicamp, 2012.
- Grupo de Pesquisa CEAMECIM. Organizado por Galiazzi. M. C. CIRANDAR: rodas de investigação desde a escola. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- JÉLVEZ, J. A. Q. *A pesquisa como princípio pedagógico no Ensino Médio*. In: AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. **Reestruturação do Ensino Médio**: Pressupostos Teóricos e Desafios da Prática. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p. 117-130.

LEITE, C.; FERNANDES, P. *Avaliação, Qualidade e Equidade*. Campinas; Sorocaba, v. 19, n. 2, p. 421-438, jul. 2014.

LONGARAY, L. M. *Vivências do Seminário Integrado no espaço-escola: resignificação do Ensino Médio*. In: GALIAZZI, Maria do Carmo (Org.). *Cirandar: rodas de investigação desde a escola*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

MENEGOLLA, M; SANT'ANNA, I. M; *Por Que Planejar? Como Planejar*. Petrópolis 13. Ed., Editora Vozes, 2002.

PERI, V. R. G. N. M. *Renovação: prática para uma educação que acredita no valor dos alunos*. In: capellini, vera lucia messias fialho; rodrigues, Olga Maria Piazzentin Rolim (Org.). *Vivências do curso de praticas educacionais inclusivas na modalidade ead: relatos dos cursistas*. Bauru: Unesp/fc, 2012. p. 179. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/LivroRelatos.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

PORCIÔNULA, E. R. M. *Minhas impressões sobre o Ensino Médio Politécnico*. In: GALIAZZI, Maria do Carmo (Org.). *Cirandar: rodas de investigação desde a escola*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 26-31.

VEIGA, I. P. A. *Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível*. 10 ed. Campinas, SP: Papirus , 2000.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. *Pedagogia Crítica E Educação Emancipatória Na Escola Pública: Um Diálogo Entre Paulo Freire E Boaventura Santos*. In: IX ANPED., 2012, Unijuí. **Seminário de pesquisa em educação**. Unijui: Ucs, 2012. p. 1 - 12. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/225/217>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SERBINO, R. V.; RIBEIRO, R.; BARBOSA, R. L. L.; GEBRAN, R. A. *Formação de professores*. São Paulo: Editora UNESP, 1998..

SILVA, C. M.; SANTOS, G, O, P, C.; MERTINS, S. *Práticas para o ensino médio relacionando a prática com a teoria em uma proposta de avaliação emancipatória*. Santa Cruz do sul: 2014.

SANTOS, F. M. T. dos; MORTIMER, E. F. *Estratégias e táticas de resistência nos primeiros dias de aula de química*. *Química Nova na Escola*, nº 10, nov. 1999.

SEDUC/RS. *Proposta Pedagógica Para O Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada Ao Ensino Médio - 2011-2014*. Rio Grande do Sul, nov. 2011.

7. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. O Ensino Politécnico no Ensino Médio: Algumas Contribuições.. *Anais... Salão do Conhecimento*, Ijuí: Unijuí, 2013.
- ANA, L. Q.; SILVA, D. C.; ANDRADE F, P.; ALEME, H. G.; OLIVEIRA, S. R.; SILVA, G. F. Ensinar E Aprender Química: a Percepção dos Professores do Ensino Médio. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 40, p. 159-176, abr./jun. 2011..
- ANDRETTA, F. C; RICHIT, A. ANAIS DO SEPE - SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFFS, 2013, Erechim. Um Estudo Sobre O Ensino Médio Politécnico No Rs: O Currículo Do Ensino De Matemática. Erechim: Uffs, 2013. 5 v. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/SEPE-UFFS/article/viewFile/174/571>>. Acesso em: 15 set. 2015.
- BENETTI, C. C. 2004, Osório-rs. ENSINAR E APRENDER NA INTENSIDADE DA DIFERENÇA: UMA LEITURA COM GILLES DELEUZE. Osório-rs: Portal Anped Sul, 2004. 12 p. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/08_06_01_ENSINAR_E_APRENDER__NA_INTENSIDADE_DA_DIFERENCA_UMA_LEITURA_.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- CAMARGO, D. A. F.; *Avaliação do Rendimento Escolar: Estudos e Concepção*. Paidéia, FFCLRP – USP, Rib. Preto, Fev/Ago 1995.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LIMA, Maria de Guadalupe Menezes de. Aprendizagem versus reprovação no contexto do Ensino Médio brasileiro. In: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. *Reestruturação do Ensino Médio: pressupostos teóricos e desafios da prática*. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p. 2013.
- LIPMAN, Matthew. *A Filosofia Vai à Escola*. 3. ed. São Paulo: Grupo Editorial Summus, Tradução de Maria Alice Preste e Lucia Kremer. 1990.
- LISPECTOR, C. (1998). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.

OLIVEIRA A. A.; Observação E Entrevista Em Pesquisa Qualitativa. *Revista FACEVV*. Vila Velha, n. 4, Jan./Jun. 2010 |

VASCONCELLOS, C D.S. *Planejamento, Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Educativo*. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, I. P. A. *Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível*. 10 ed. Campinas, SP: Papirus , 2000.

IX ANPED SUL. *Pedagogia Crítica E Educação Emancipatória Na Escola Pública: Um Diálogo Entre Paulo Freire E Boaventura Santos*. 2012. P. 1-12

_____. SEDEUC/RS. Secretaria da educação, 2011.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. *Pedagogia Crítica E Educação Emancipatória Na Escola Pública: Um Diálogo Entre Paulo Freire E Boaventura Santos*. In: IX ANPED, Ucs, 2012. p. 1 - 12. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/225/217>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SERBINO, R. V.; RIBEIRO, R.; BARBOSA, R. L. L.; GEBRAN, R. A. *Formação de professores*. São Paulo: Editora UNESP, 1998..

SILVA, Maria. Prefácio do livro. In. AZEVEDO, J. C.; REIS, J, T.; *Reestruturação no ensino médio: pressuposto teóricos e desafios da prática*. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p. 1 - 260.

SILVA, J. L. P. B.; MORADILLO, E. F.; *Avaliação, Ensino e Aprendizagem de Ciências. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*. Vol. 4, n. 1, Jul. 2002.

SANTOS, F. M. T. dos; MORTIMER, E. F. *Estratégias e táticas de resistência nos primeiros dias de aula de química. Química Nova na Escola*, nº 10, nov. 1999.

8. ANEXOS

ANEXO A: DOCUMENTO DA ESCOLA A, CONCEITO GERAL PARA PROVAS.

PROVAS / QUESTÕES DISSERTATIVAS

COMO ELABORÁ-LAS PARA FACILITAR A AVALIAÇÃO POR CONCEITO?
SUGESTÕES DE MONTAGENS DE PROVAS OU TRABALHOS COM QUESTÕES
DISSERTATIVAS

INSTRUMENTO COBRANDO 2 (CONTEÚDOS / OBJETIVOS)

Parte A (Para cobrar conteúdo X)

Questão 1; Questão 2; Questão 3; Questão 4-

Parte B (Para cobrar o conteúdo Y)

Questão 5; Questão 6; Questão 7, Questão 8-

Como corrigir cada conteúdo cobrado através de quatro questões?

1 único acerto - CRA

2 acertos - CPA

3 ou 4 acertos - CSA

COMO FECHAR A AVALIAÇÃO DESTE INSTRUMENTO QUE COBROU DOIS CONTEÚDOS
DIFERENTES?

CRA - CPA = Avaliação da Prova "CPA"

CPA - CPA = Avaliação da Prova "CPA"

CPA - CSA = Avaliação da Prova "CSA"

INSTRUMENTO COBRANDO 3 (CONTEÚDOS / OBJETIVOS)

Parte A (Para cobrar conteúdo X)

Questão 1; Questão 2; Questão 3; Questão 4-

Parte B (Para cobrar o conteúdo Y)

Questão 5; Questão 6; Questão 7; Questão 8-

Parte C (Para cobrar o conteúdo Z)

Questão 9; Questão 10; Questão 11; Questão 12-

COMO FECHAR A AVALIAÇÃO DESTE INSTRUMENTO?

CRA - CRA - CRA = Avaliação da Prova "CRA"

CRA - CPA - CPA = Avaliação da Prova "CPA"

CRA - CPA - CRA = Avaliação da Prova "CRA"

CSA - CPA - CSA = Avaliação da Prova "CSA"

CSA - CSA - CSA = Avaliação da Prova "CSA"

CPA - CPA - CSA = Avaliação da Prova "CPA"

CPA - CRA - CSA = avaliação da Prova "CPA"

INSTRUMENTO COBRANDO 4 (CONTEÚDOS / OBJETIVOS)

Parte A (Para cobrar conteúdo V)

Questão 1; Questão 2; Questão 3; Questão 4-

Parte B (Para cobrar o conteúdo X)

Questão 5; Questão 6; Questão 7; Questão 8-

Parte C (Para cobrar o conteúdo Y)

Questão 9; Questão 10; Questão 11; Questão 12-

Parte D (Para cobrar o conteúdo Z)

Questão 13; Questão 14; Questão 15; Questão 16

Como fechar a avaliação desta prova?

CSA - CSA - CSA - CSA = CSA / CPA - CSA - CPA - CSA = CSA

CRA - CPA - CRA - CPA = CPA / CRA - CRA - CRA - CPA = CRA

CRA - CPA - CPA - CPA = CPA

OBS: Tanto o CPA como o CRA finais necessitam ter um trabalho de retomada para que o aluno possa avançar no seu processo de aprendizagem.

ANEXO B: DOCUMENTO DA ESCOLA A, CONCEITO GERAL DE TODAS AS PROVAS E TRABALHOS

PARA AVALIAÇÃO NO CONSELHO DE CLASSE APÓS O CONSELHO DAS ÁREAS

LEGENDA RECOMENDAÇÃO / PARECERES

ÁREA DA CIÊNCIAS DA NATUREZA

- A –Parabéns pelo seu desempenho.
- B.12- Retomar seus estudos para o PPDA em Biologia
- B.13- Retomar seus estudos para o PPDA em Física
- B.14- Retomar seus estudos para o PPDA em Química
- C- Envolver-se mais com o(s) Projeto(s) do S.I.
- D- Evitar faltas e / ou atrasos
- E- Respeitar as normas internas (horário, carteirinha, aparelhos eletrônicos desligados...)
- F- Evitar conversas e distrações em aula.
- G- Frequentar à escola. Medidas cabíveis junto à família ou ao Conselho Tutelar serão tomadas pelo SOE, devido a sua ausência total neste trimestre.
- H – Envolver-se mais com os trabalhos propostos na sala de aula.
- I – Comportar-se adequadamente em momentos de avaliação.

Códigos da Área de Ciências

S-S-S → S
S-S-P → P
S-P-P → P
P-P-P → P
S-S-R → P
S-P-R → P
S-R-R → R
P-P-R → R
P-R-R → R
R-R-R → R

ANEXO C: DOCUMENTO DA ESCOLA A, DENTRO DO SABER FAZER

1/3 da avaliação					1/3 da avaliação							1/3 da avaliação	
AUTO AVALIAÇÃO E OUTROS TRABALHOS					SEMINÁRIO (TRABALHO VIVENCIAL)							PROVA (S)	
01	02	03	04	05	01	02	03	04	05	06	07	Prova 1	Prova 2

AVALIAÇÃO QUALITATIVA DA APRENDIZAGEM:

- 01- Participação com pontualidade nas aulas e nas atividades propostas;
- 02- Envolvimento com o seu processo de aprendizagem;
- 03- Capacidade de interpretação e de argumentação, de fazer perguntas ou de dar respostas a perguntas a respeito do conteúdo estudado;
- 04- Respeito ao(à) professor(a) ao dirigir-se a ele ou a ela, quando pedir nova explicação, caso não tenha entendido o que fora explicado;
- 05- Capacidade de interação com os colegas, de ajuda mútua nas trocas do processo de aprendizagem.

SEMINÁRIO (TRABALHO VIVENCIAL)

- 01- Pontualidade na apresentação;
- 02- Organização das informações apresentadas de maneira clara e dentro do tempo previsto;
- 03- Domínio do conteúdo;
- 04- Uso adequado da linguagem, bem como das mídias escolhidas para enriquecer a apresentação da palestra ou do trabalho;
- 05- Criatividade;
- 06- Participação efetiva de todos os alunos na preparação, organização e apresentação dos trabalhos, conforme o grupo estipulado pelo professor coordenador;
- 07- Apresentação de um relatório final.

CADA UM DESSES ESCORES SERÁ AVALIADO COM O CONCEITO “CSA”, “CPA” OU “CRA”,

ANEXO D: DOCUMENTO DA ESCOLA A, CONCEITO GERAL DA ÁREA SABER FAZER.

DESCRIÇÃO DOS CONCEITOS PARA AVALIAÇÃO DOS DIVERSOS COMPONENTES CURRICULARES E PARECERES PARA AS ÁREAS COMPONENTE: _____

Atitudes e proced.	Provas(s) e trabalho(s)	Trabalho Vivencial	Resultado final	
CSA	CSA	CSA	CSA	
CSA	CSA	CPA	CSA	
CSA	CSA	CRA	CPA	
CSA	CPA	CSA	CSA	
CSA	CPA	CPA	CPA	PPDA (RETOMA ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CSA	CPA	CRA	CPA	
CSA	CRA	CSA	CPA	PPDA (REFAZ ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CSA	CRA	CPA	CRA	PPDA (REFAZ ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CSA	CRA	CRA	CRA	
CPA	CSA	CSA	CSA	
CPA	CSA	CPA	CPA	
CPA	CSA	CRA	CPA	
CPA	CPA	CSA	CPA	
CPA	CPA	CPA	CPA	
CPA	CPA	CRA	CPA	
CPA	CRA	CSA	CRA	PPDA (REFAZ ESTUDOS DOS CONTEÚDOS) PPDA (REFAZ ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CPA	CRA	CPA	CRA	
CPA	CRA	CRA	CRA	
CRA	CSA	CSA	CPA	
CRA	CSA	CPA	CPA	
CRA	CSA	CRA	CPA	
CRA	CPA	CSA	CPA	
CRA	CPA	CPA	CPA	PPDA (RETOMA ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CRA	CPA	CRA	CRA	PPDA (RETOMA ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CRA	CRA	CSA	CRA	PPDA (REFAZ ESTUDOS DOS CONTEÚDOS) PPDA (REFAZ ESTUDOS DOS CONTEÚDOS)
CRA	CRA	CPA	CRA	
CRA	CRA	CRA	CRA	

OBS: Conteúdos /Habilidades não apreendidas com avaliação **CPA** devem ser retomados /complementados no PPDA;

Conteúdos ou Habilidades com avaliação de **CRA** devem ser refeitos os estudos novamente no PPDA.

ANEXO E: DOCUMENTO DA ESCOLA A, CONCEITO GERAL PARA SEMINÁRIO INTEGRADO.

OPERACIONALIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO INTEGRADO

SEMINÁRIO INTEGRADO (SI)/ TRABALHO VIVENCIAL

DESCRIÇÃO DOS PARECERES PARA O SEMINÁRIO INTEGRADO

01. DESENOVEU PLENAMENTE TODAS AS ETAPAS PREVISTAS PARA O TRIMESTRE.
02. DESENOVEU SATISFATORIAMENTE A MAIORIA DAS ETAPAS PREVISTAS PARA O TRIMESTRE.
03. NÃO DESENOVEU SATISFATORIAMENTE TODAS AS ETAPAS PREVISTAS PARA O TRIMESTRE.
04. NÃO DESENOVEU NENHUMA DAS ETAPAS PREVISTAS PARA O TRIMESTRE.

Os conceitos CSA, CPA ou CRA vão nas Áreas de Estudo que envolvem a temática do Seminário. O Parecer é apenas para informar à família o envolvimento do aluno no espaço de S.I.

APÊNDICES



Universidade Federal de Pelotas
Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos

TERMO DE CONSENTIMENTO

Pelo presente termo, autorizo a Licencianda Noemi de Vasconcellos Peres da Universidade Federal de Pelotas do curso de Química Licenciatura, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Sangiogo, a utilizar as respostas e opiniões do/a meu/minha filho/a _____, expressas em questionários, para a produção de trabalhos científicos que podem vir a ser publicados e que tem como tema e objetivo **A Avaliação do ensino médio Politécnico**.

Esta autorização se refere apenas ao uso do conteúdo das respostas, devendo ser preservada a identidade dos alunos, ou seja, não serão utilizadas informações sobre o nome e os dados pessoais do estudante.

(assinatura responsável)

Pelotas, ____/____/2014.

Em caso de dúvida, por favor, contatar com Noemi, no telefone (53)84465659 ou email para noemyvasconcellosperes@gmail.com.



Universidade Federal de Pelotas
Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos

TERMO DE CONSENTIMENTO

Pelo presente termo, eu _____, autorizo Noemi de Vasconcellos Peres, licencianda da Universidade de Pelotas, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Sangiogo, a utilizar minhas respostas e opiniões em questionários e/ou entrevistas registradas gravadas em forma de áudio propostos para a produção de um trabalho no componente curricular de Metodologia em Educação Química do curso de Licenciatura em Química e para textos científicos que podem vir a ser publicados e que sejam referentes à Avaliação do Ensino Médio Politécnico. Esta autorização se refere apenas ao uso do conteúdo das respostas, devendo ser preservada minha identidade, ou seja, que não será disponibilizado o meu nome e dados pessoais.

(assinatura)

Pelotas, Outubro de 2014

Em caso de dúvida, por favor, contatar com Noemi, no telefone (53)84465659 ou email para noemyvasconcellosperes@gmail.com.